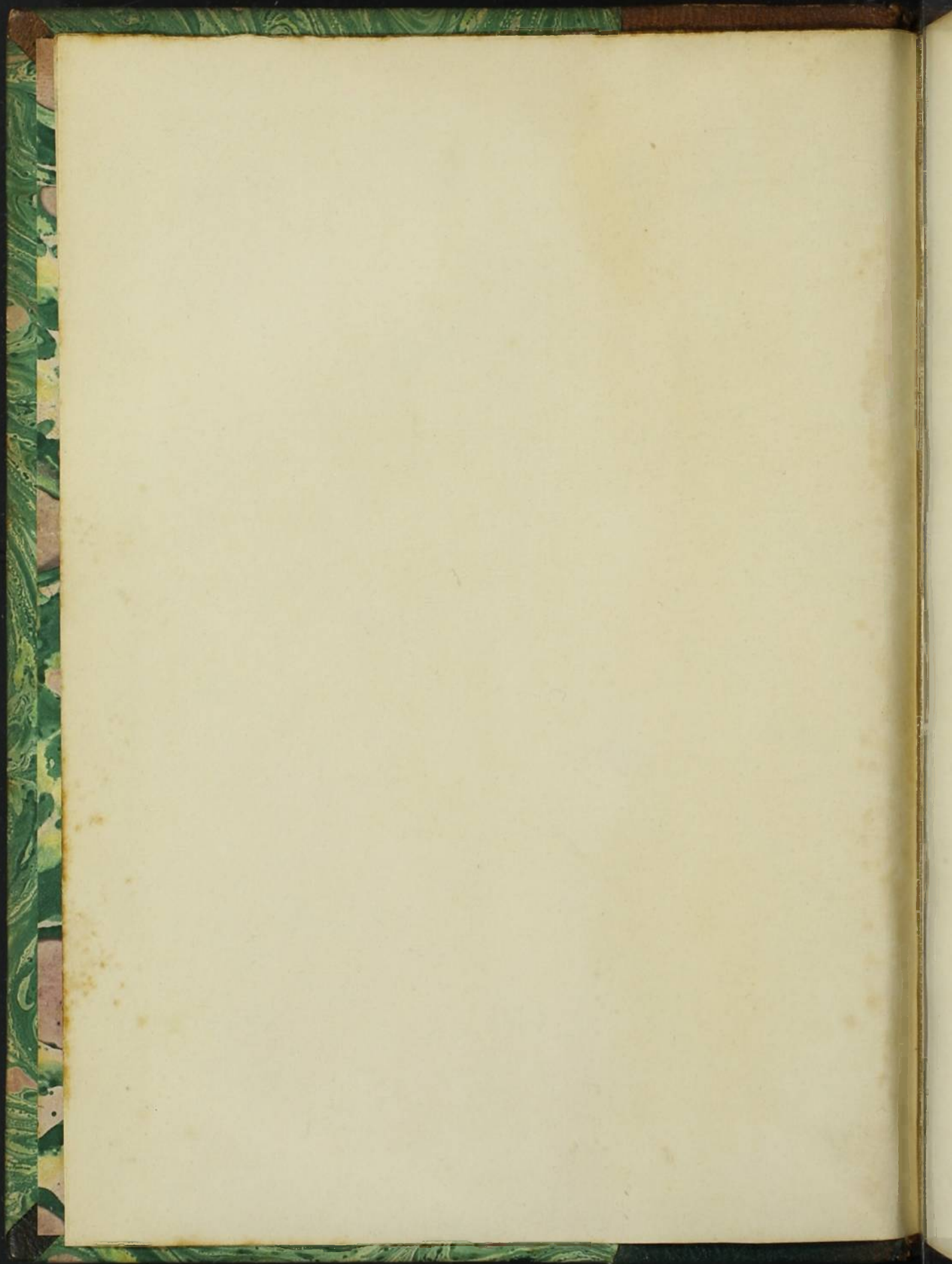


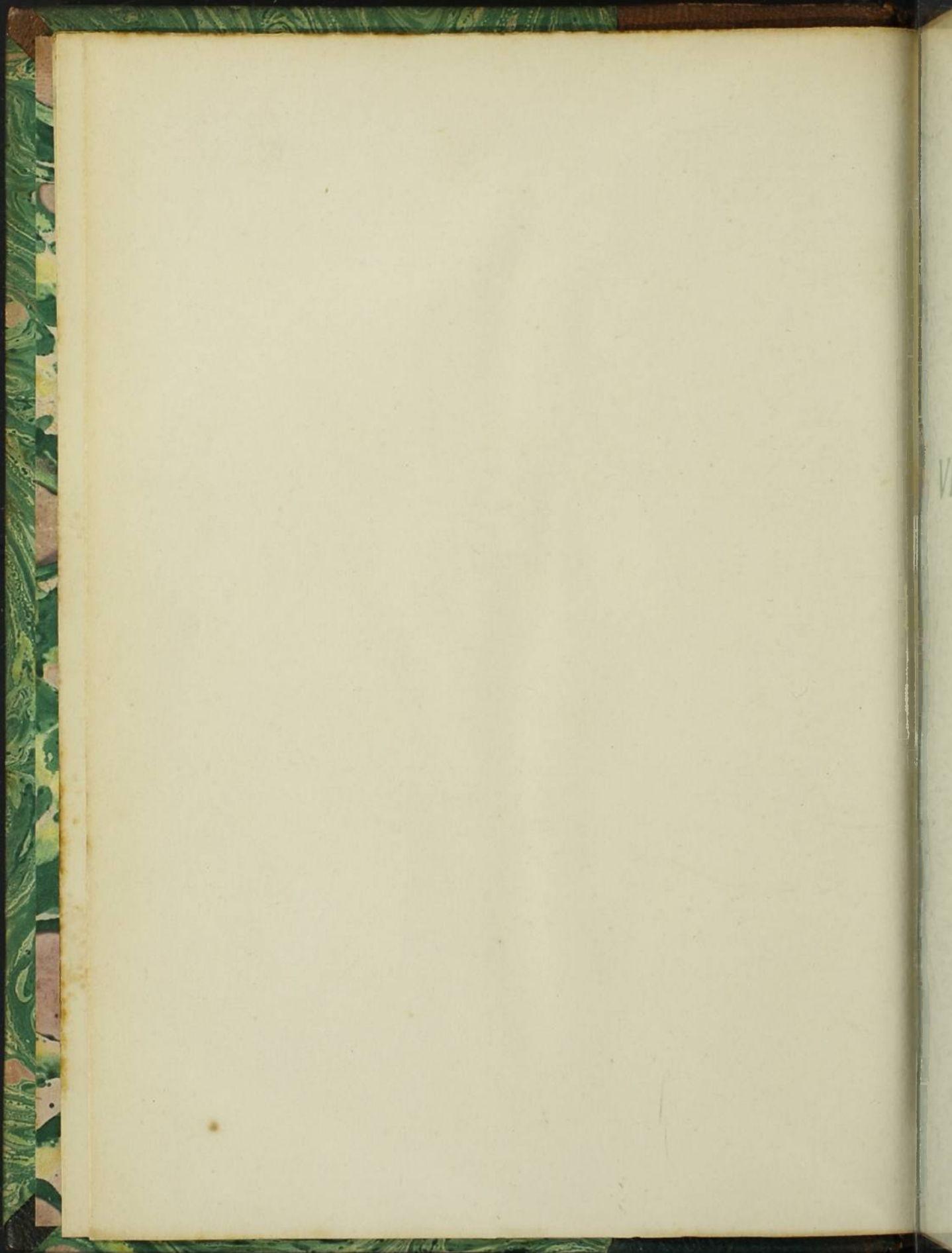
Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin







MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

BIBLIOTECA POPULAR BRASILEIRA
XIV

VIOLA DE LERENO

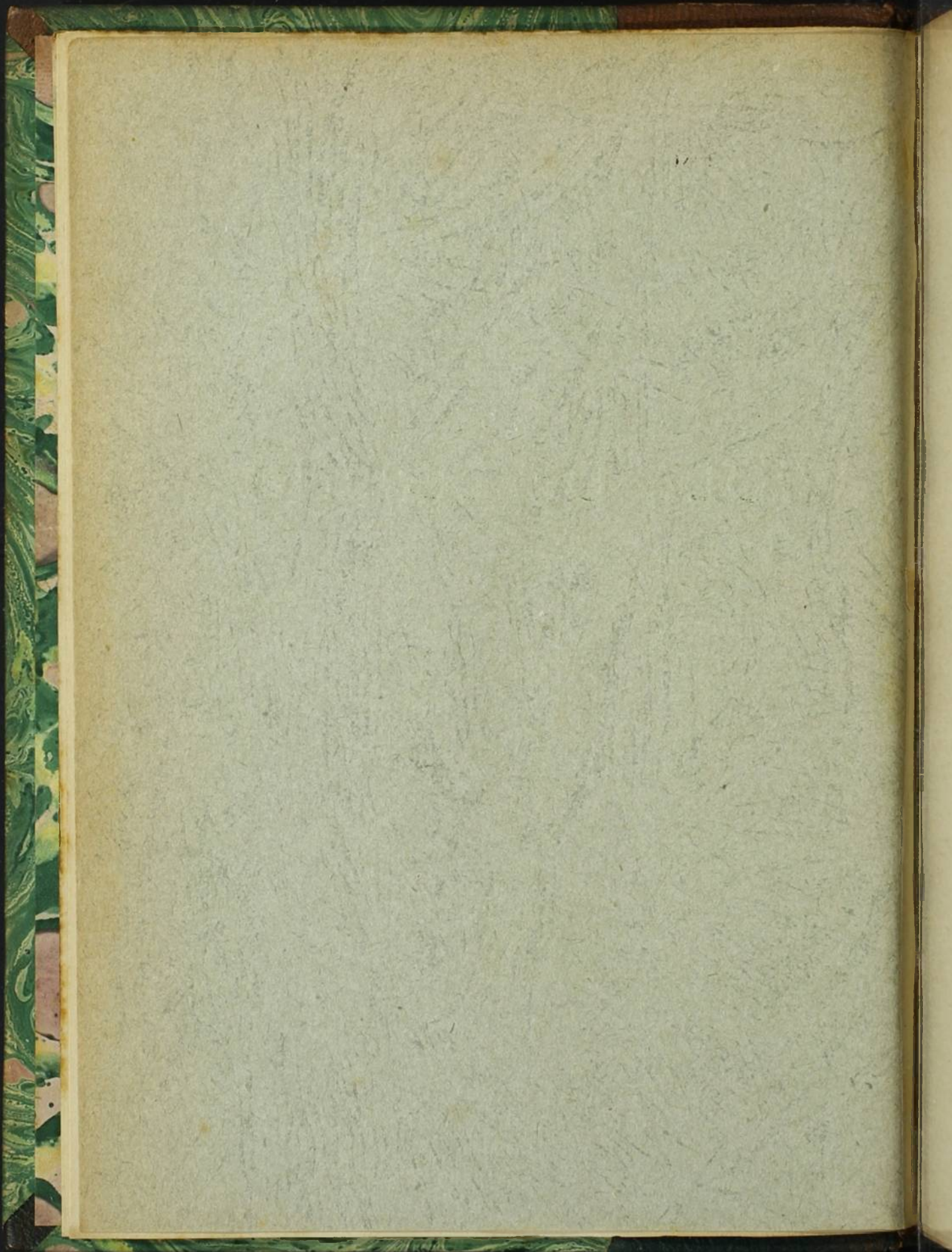
por
DOMINGOS CALDAS BARBOSA

Prefácio de
FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

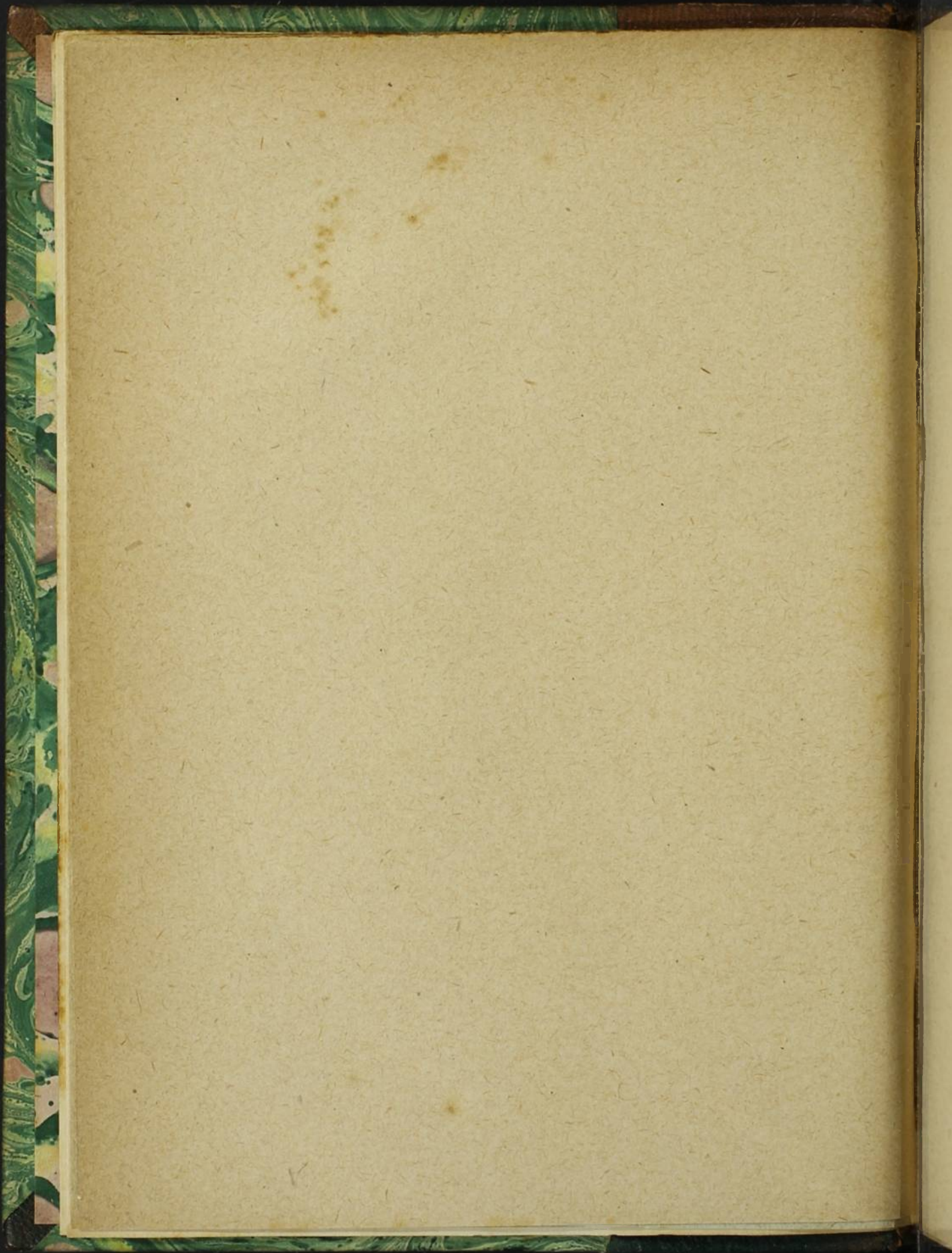
1.º VOLUME



IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1944



Galvas



VIOLA DE LERENO

I



*Do extinto LERENO o rosto
Se deviza em morta cor ,
Mas sua alma em seos escritos,
Se conhece inda milhór .*

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

BIBLIOTECA POPULAR BRASILEIRA
XIV

VIOLA DE LERENO

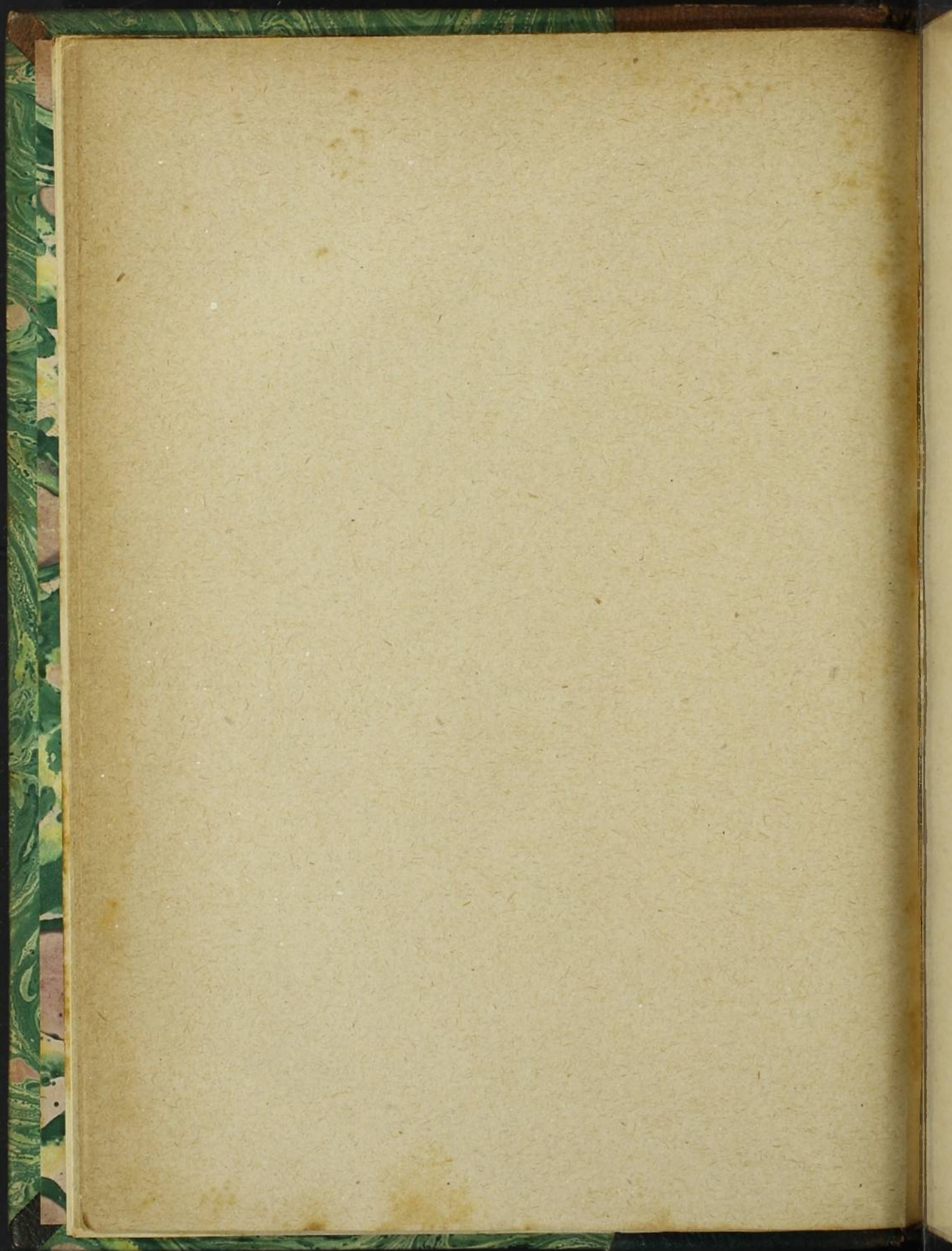
por
DOMINGOS CALDA BARBOSA

Prefácio de
FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

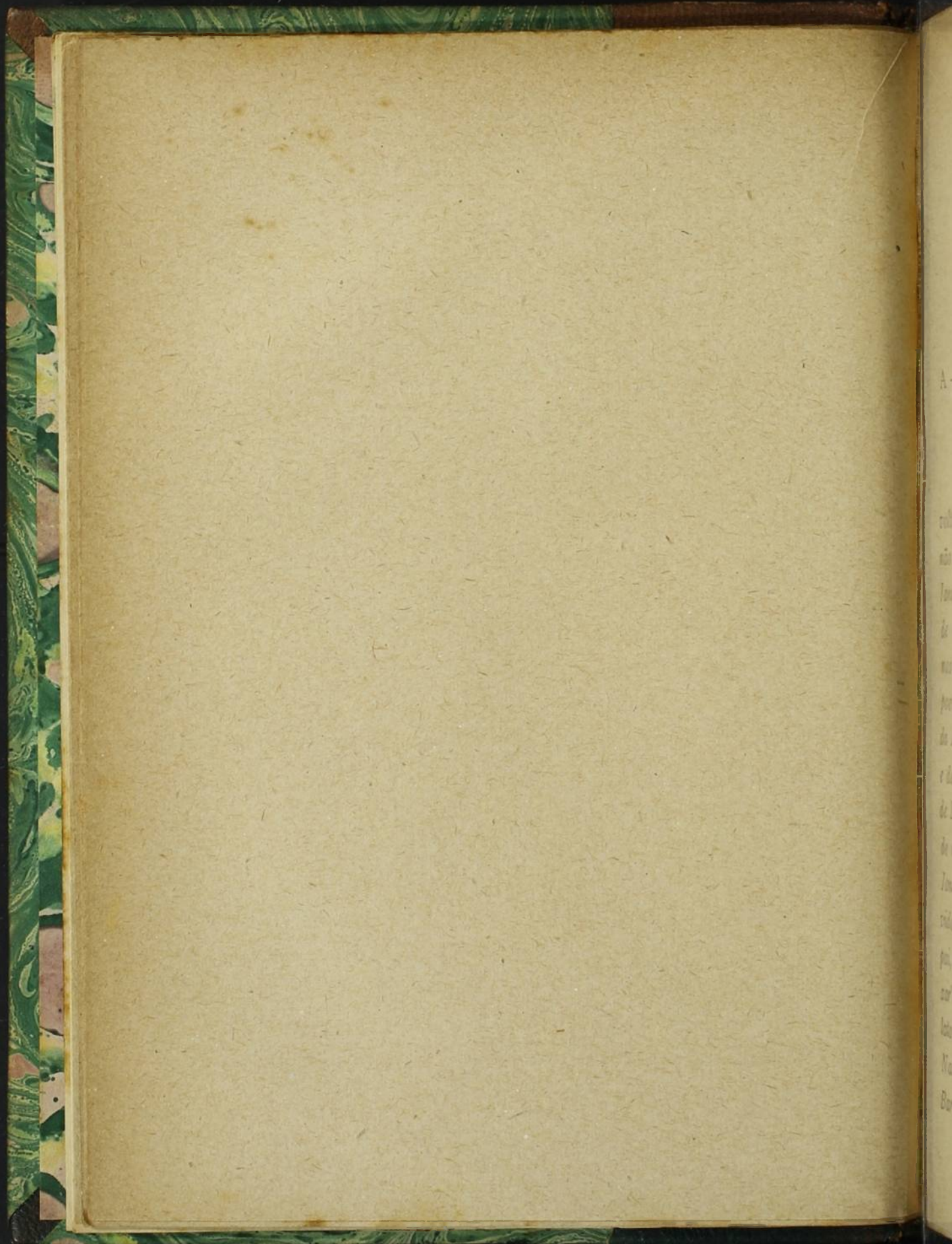
1.º VOLUME



IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1944



DOMINGOS CALDAS BARBOSA



CALDAS BARBOSA

A — BIOGRAFIA

Domingos Caldas Barbosa veio ao mundo por volta do ano de 1740. Em que dia e em que mês, não se sabe. Ao nascimento do poeta emprestou Januário da Cunha Barbosa versão que não deixa de ser curiosa. É a seguinte: "Meu tio (assim nos informou um parente ainda vivo d'este nosso poeta) não era preto nem branco, nem d'África nem da América; mas era um homem de muitos talentos e de virtudes sociais: expliquemos êstes ditos. O pai de Domingos Caldas Barbosa, depois de muitos anos de residência em Angola, regressava para o Rio de Janeiro, e em sua companhia vinha uma preta grávida, que na viagem deu a luz ao nosso Caldas. Seu pai, apenas desembarcado, o reconheceu e o fez baptisar". Varnhagen põe em dúvida a veracidade do relato, dando o poeta como natural do Rio de Janeiro. Nascido em terra ou no mar, Domingos Caldas Barbosa é brasileiro e bem brasileiro.

O pai, cujo nome os biógrafos de Caldas esqueceram de citar, não descuidou da educação do menino, que muito cedo entrou para as aulas dos jesuítas. E no colégio, o mulatinho começou a poetar. Desde criança, revelou-se a veia satírica e repentista de Domingos Caldas Barbosa. Certos versos do rapaz, dirigidos a portugueses, desagradaram a gente influente da colônia. Foram queixar-se ao capitão general, Gomes Freire de Andrada. Bodadela, segundo informa o cônego Januário, “querendo dar satisfação a algumas pessoas poderosas ofendidas pelas sátiras do moço Caldas Barbosa”, fêz do poeta um soldado, destacando-o para bem longe do Rio, na Colônia do Sacramento, onde êle ficou até o ano de 1762, quando a praça foi ocupada pelos espanhóis.

De regresso ao Rio, Domingos Caldas Barbosa logo deu baixa. Não tinha vocação para soldado. Oito ou dez anos depois, desgostoso certamente da vida que aquí levava, decidiu ir viver em Portugal. Em 1775 já temos notícia da sua atividade literária em Lisboa, com a publicação da Coleção de poesias feitas na feliz inauguração da estátua d’El-rei Nosso Senhor D. José I. Na metrópole, teve a boa sorte de ser protegido pelos irmãos do vice-rei do Brasil: José e Luiz de Vasconcelos e Sousa, que foram respectivamente Conde de Pombeiro, depois Marquês de Belas, e Conde de Figueiró, depois Marquês de

Castelo Melhor. Na casa daquele viveu, a princípio, no Porto, quando Vasconcelos ali exercia as funções de Regedor das Justiças. Passando, depois, a Lisboa. Caldas vivia na casa de um e de outro, como se fôsse pessoa da família.

Levado pelos dois Vasconcelos, Caldas Barbosa começou a freqüentar a melhor sociedade do tempo. Seu sucesso foi enorme. As modinhas, que o mulato brasileiro cantava ao violão, marcavam a nota "chic" das festas da Côrte. O poeta disputado comparecia em tôda a parte. Nos salões das casas fidalgas em Lisboa e Cintra, em Belas, Benfica ou Bemposta. Até mesmo nas quintas reais de Belém, Caxias e Queluz. Graças ainda aos seus protetores, Domingos Caldas Barbosa recebeu ordens menores e foi nomeado capelão da Casa da Suplicação. Mas nem porisso S. Revma. deixou de lado a viola e as modinhas, que o celebrizaram.

Pertenceu o poeta a Arcádia de Roma, com o nome de Lerenio Selinuntino. Foi um dos fundadores e presidente da Academia de Belas Letras de Lisboa, ou Nova Arcádia, que se reünia no Palácio do Conde de Pombeiro.

Morreu Domingos Caldas Barbosa aos 60 anos de idade, no dia 9 de novembro de 1800, "de uma rápida enfermidade que apenas lhe permitiu prover-se dos sacramentos", diz Varnhagen. O corpo foi

XII

depositado na capela do Palacete de Bemposta, propriedade dos Pombeiro, para depois ser enterrado na igreja paroquial de Nossa Senhora dos Anjos, onde o poeta repousou para a eternidade.

B — BIBLIOGRAFIA

OBRAS IMPRESSAS -- *Imprimiram-se de Domingos Caldas Barbosa as seguintes obras, de acôrdo com as anotações de Inocência, Sacramento Blake e Artur Mota:*

1) Coleção de poesias feitas na feliz inauguração da estátua d'Elrei Nosso Senhor D. José I, em 6 de junho de 1775. S. L. p. s. cl p. s. d. in4.º, 27p. Segundo Inocência, pertencem a Caldas as odes das páginas 75, 85, 93, 96 e 102, e seis sonetos, os das páginas 118, 119, 121, 122 e 126.

2) Epitalâmio nas felicíssimas núpcias do Ex. Sr. Conde da Colheta com a Exa. Sra. D. Mariana de Assis Mascarenhas. Em Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica, 1777. In8º, 7p..

3) *A doença, poema oferecida à gratidão, por Lerenio Selinuntino. Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica, 1777. In8.º, 49p. Varnhagen cita uma edição póstuma, de Lisboa, datada de 1801.*

4) *Lebreida*, poema em 50 décimas rimadas, escrito por ocasião da inauguração da estátua equestre do rei D. José, de 1778. Tomara o poeta por tema uma caçada real, a que assistira. Vem no *Florilégio da Poesia Brasileira*, de F. A. de Varnhagen, tomo 2, juntamente com outras composições de Domingos Caldas Barbosa. — No volume intitulado *A cantora brasileira* ou nova coleção de hinos, canções e lundús, tanto amorosos como sentimentais, de J. Norberto de Sousa e Silva, publicado no Rio de Janeiro no ano de 1878, conta Sacramento Blake, encontram-se nada menos de 33 composições de Caldas Barbosa.

5) Recopilação dos principais sucessos da história sagrada (em verso). Pôrto, na Oficina de Pedro Ribeiro França, 1792. In8.º, 32p. Inocêncio cita, além desta, uma “segunda edição aumentada e adicionada com um índice mui copioso”, Lisboa, na Oficina de Antônio Rodrigues Galhardo, 1793, in8.º, 184p. Arthur Mota acrescenta mais duas: a terceira edição, de Lisboa, 1819; e a quarta, com uma biografia do autor pelo cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, illus., edição do Rio de Janeiro, 1865.

6) *Almanaque das musas*, oferecido ao gênio português, Lisboa, 1793. 4v. Muitas das poesias

XIV

dêste almanaque são de autoria de Caldas Barbosa; umas vêm assinadas com o seu próprio nome, outras com o de Lerenó Selinuntino e algumas anônimas.

7) Os viajantes ditosos, drama jocoso em música para se representar no teatro do Salitre no ano de 1790. Lisboa, 1790. In8º, 96p.

8) A saloia namorada; ou, O remédio é casar; pequena farsa dramática que às senhoras portuguesas oferece e dedica Domingos Caporalini e Miguel Cavane, representada por êles e outros sócios no Real Teatro de S. Carlos. Lisboa, Simão Tadeo Ferreira, 1793. In8º, 22p.

9) A vingança da cigana, drama joco-sério em um ato para ser representado no Real Teatro de S. Carlos pela Companhia italiana, oferecido ao público por Domingos Caporalini. Lisboa, 1794, In8º, 47p.

10) A escola dos ciosos, drama jocoso em um só ato, traduzido livremente do italiano em versos portugueses, para se representar em música no Real Teatro de S. Carlos, etc. Lisboa, 1795. In8º, 66p.

1) Viola de Lerenó: coleção de suas cantigas. Em 2 tomos. 1.º tomo, Lisboa, 1798, In12º. Deu-se segunda edição em Lisboa, 1806; terceira na Baía, 1813; quarta em Lisboa, 1819. O 2.º tomo foi

publicado em Lisboa, 1826, in12°. Há uma edição brasileira, de 1825.

12) - Descrição da grandiosa quinta dos senhores de Belas e notícia do seu melhoramento. Lisboa, na Régia Tipografia Silziana, 1799. In4°, 87p. É a única obra em prosa do poeta que se imprimiu.

OBRAS INÉDITAS — Sacramento Blake dá notícia de que Caldas Barbosa traduziu para o português um Tratado de educação das meninas, e diz: "Não sei se foi publicado, nem onde pára, sei apenas que o autor deixara inédito e era escrito em 13 capítulos, com 328 págs. in-4°".

OBRAS SÔBRE O POETA — Para o conhecimento da vida e da obra de Domingos Caldas Barbosa, recomendamos a seguinte bibliografia, que não presumimos completa:

1) *Bandeira, Manuel*. Noções de história das literaturas. São Paulo, Editora Nacional, 1942. P. 290-291. O século XVIII.

2) *Barbosa, Januário da Cunha*. Biografia de Domingos Caldas Barbosa, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 4, 1842. P. 210 e segs.

3) *Blake, Augusto Vitorino Alves Sacramento*. Domingos Caldas Barbosa, in Dicionário bibliográ-

XVI

fico brasileiro. *Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1893. Tomo 2. P. 128 e segs.*

4) *Braga, Teófilo. Bocage, sua vida e época literária. Porto, 1842, P. 210 e segs.*

5) *Carvalho, Ronald de. Pequena história da literatura brasileira. 4.^a edição. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1929. P. 202. Poetas menores.*

6) *Moita, Luis. O fado, canção dos vencidos. Lisboa, 1936. P. 32 e segs.*

7) *Mota, Artur. História da literatura brasileira, época da transformação, século XVIII. São Paulo, 1930. P. 319 e segs. Domingos Caldas Barbosa.*

8) *Pinto, Manoel de Sousa. O lundum, avô do fado, in Ilustração, n.º 6, novembro de 1931, Lisboa. P. 17.*

9) *Rangel, Alberto. Quando o Brasil amanhecia. Lisboa. A. M. Teixeira, 1919. P. 273 e segs. O Caldas violeiro.*

10) *Romero, Sílvio. História da literatura brasileira. 2.^a edição. Rio de Janeiro, Garnier, 1902. Tomo 2. P. 260 e segs. Escola mineira, poesia lírica.*

11) *Silva, Inocência Francisco da. P. Domingos Caldas Barbosa, in Dicionário bibliográfico*

português, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859. Tomo 2. P. 198 e segs.

12) Varnhagen, F. A. de. *Biografia de Domingos Caldas Barbosa*, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 14, 2.^a edição, 1879. P. 407 e segs.

13) Veríssimo, José. *História da literatura brasileira. 2.^o milheiro. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916. P. 120-121. Aspectos literários do século VXIII.*

C — CRITICA

O melhor da obra de Caldas Barbosa está na coletânea intitulada Viola de Lerenó. São quadras muito simples e engraçadas. Muitas delas parecem poesia popular de hoje. É interessante citar o que, a êsse propósito, escreveu Sílvio Romero, o primeiro historiador da nossa literatura que deu importância aos versos de Lerenó: "O poeta teve a consagração da popularidade. Não falo dessa que adquiriu em Lisboa, assistindo a festas e improvisando na viola. Refiro-me a uma popularidade mais vasta e mais justa. Quase tôdas as cantigas de Lerenó correm de boca em boca nas classes plebéias truncadas ou ampliadas. Formam um material de que o povo se

XVIII

apoderou, modelando-o ao seu sabor. Tenho dêsse fato uma prova direta. Quando em algumas províncias do norte coligi grande cópia de canções populares, repetidas vêzes, colhi cantigas de Caldas Barbosa, como anônimas, repetidas por analfabetos. Foi depois preciso compulsar as obras do poeta para expungir da coleção anônima os versos que lhe pertenciam. É o maior elogio que, sob o ponto de vista etnográfico, se lhe pode fazer”.

Também Manuel Bandeira reconheceu o valor de Caldas Barbosa, chamando-o “o primeiro brasileiro onde encontramos uma poesia de sabor inteiramente nosso”. Não obstante, Ronald de Carvalho inclue o nosso trovador entre os poetas menores do século XVIII. José Veríssimo foi além. Poeta mercenário, parasita, sem nenhuma superioridade: é o que de mais amável diz do nosso Caldas; nos versos do poeta viu apenas “os requebros da musa mulata” a disfarçar “a mesquinhez da forma e da inspiração”. Varnhagen, depois de falar na mediocridade do poema Lebreida, “frouxa composição em 59 oitavas rimadas (sic), que nem merece o nome de poema”, disse que as quintilhas que Caldas Barbosa nos deixou “tem muito da natural graça e singeleza das de Sá de Miranda”.

Sobre Caldas Barbosa o juízo da posteridade é portanto desigual e nem sempre favorável. O mesmo

se observa quanto ao juízo que dêle fizeram os seus contemporâneos. Para Curvo Semedo e José Agostinho de Macedo não era menos que Anacreonte redi-vivo em Portugal. No entanto, Bocage e Felinto Elísio escarneceram do poeta violeiro. Bocage chamou-o “fusco trovador”, “coitado orangotango”, “neto da rainha Ginga”. Felinto Elísio dedicou-lhe esta estrofe desaforada:

“Os versinhos anões e anãs Nerinas
Do cantarino Caldas, a quem parvos
Põem a alcunha de Anacreonte luso,
É a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro perú na alvura ao branco cisne”.

Mas o despretencioso Lerenó não queria ser “cisne”. Contentava-se, bem se vê pela quadrinha abaixo, com ser “papagaio” e nada mais:

“Não é do Tamise um cisne
Quem vai soltar doce canto:
Brasileiro papagaio
D’arremedo a voz levanto”.

Pela espontaneidade do estro e simplicidade da forma, Caldas Barbosa tem o seu lugar garantido na

XX

história da nossa poesia. Não foi certamente um grande poeta. Sua obra, longe de ser desimportante, contudo, está cheia de imperfeições. As poesias laudatórias que deixou são, de fato, intoleráveis. Já com a Viola de Lereño, a coisa muda de figura. Perfeitas ou não, essas quadrinhas resistiram ao tempo e a pancadaria dos eruditos. Aquí há poesia verdadeira. Boa e simples. O papagaio brasileiro teima em não querer morrer.

São Paulo, março de 1943.

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

NO DIA DE FESTEJAR-SE O NOME DA
NOSSA SENHORA CONDESSA
DE POMBEIRO

CANTIGAS

Amira formosa,
Escuta os louvores,
Que os simples Pastores
Vêm hoje entoar:
O teu Nome ilustre,
Subindo às Estrelas,
Nos bosques de Belas
Já vai ressoar:

Ofrendas singelas
Das suas campinas,
Cheirosas boninas
Te vêm ofertar:
E o Pomo, que pende
Para ti nascido,
Para ti colhido
Te vêm entregar

O Pomo da China,
Que cresce em teus campos,
C'os figos que lampos
Eu ouço chamar :
Os Limões pontudos,
Esféricas Limas,
C'o as nozes qu'estimas
Te dão a gostar.

Em honra a teu Nome
Contentes trabalham
N'um louro o entallham
Por vê-lo durar :
Em honra a teus Filhos
Seis plantas criaram,
E as outras preparam
Bastante lugar

Teu Nome tem feito
Que do canto gostem,
Tu fazes que apostem
Teu Nome cantar ;
No rude Salteiro,
Na harmônica Lira
O nome de Amira
Se ouve ressoar.

Assim tua vida
Durar sempre possa,
Que é vida q'adoça
O nosso pesar :
Seremos alegres,
Não digo mentira,
O tempo em q'Amira
Belas animar.

MODA DE TIRCE

CANTIGAS

Vê, Lerenó desgraçado,
O teu destino cruel ;
Amar, e morrer de amores,
Por quem te não é fiel.

Vêm os terríveis ciúmes
Rodear-te de tropel,
Hás de contínuo sofrê-los
Por quem te não é fiel.

Dos Amantes desgraçados
Vê o terrível painel,
Tanto tens que suportar
Por quem te não é fiel.

Verás as doces promessas
Converter-se amargo fel,
Desvanecer-se a esperança
Por quem te não é fiel.

A mão treme de assustada,
Cai dos dedos o pincel,
Não pinto o que hás de passar
Por quem te não é fiel.

Nunca beleza, e constância
Guardarão próprio nível;
Sofre por Lília, mas sofre
Por quem te não é fiel.

Embora seja enganado
Ó néscio amante novel,
Q' o tempo te desengana
Por quem te não é fiel.

Mas Amor tem arte, e jeito
D'espalhar seu doce mel,
E te faz ser doce a morte
Por quem te não é fiel.

TEU JURAMENTO

CANTIGAS

Não leves azas
Do vário vento
Voou, perdeu-se
Teu juramento:

Ó que tormento!
Lília me jura
E não conhece
Amor, ternura.

Chamas os Numes
Do Etéreo assunto,
E é seu opróbrio
Teu juramento:

Ó, etc.

Ao teu perjúrio
Cupido atento
Punir promete
Teu juramento:

Ó, etc.

Lá onde o Léthes
Vai sonolento
Chegou voando
Teu juramento

Ó, etc.

Nas frias águas
Do esquecimento
Vai mergulhar-se
Teu juramento:

Ó, etc.

D'Amor não tinhas
Conhecimento
Nem saiu d'alma
Teu juramento:

Ó, etc.

Lereno triste
No seu lamento
Chora baldado
Teu juramento:

Ó, etc.

BEM FICA

CANTIGAS

Adeus belas Ninfas,
Gentil Sociedade,
O mal da Saüdade
Começo a chorar,

Ai! que o meu pesar
Assim não se explica;
Vai mal o que vai,
Bem fica, quem fica.

Adeus, ó Campinas;
Adeus, arvoredos,
Que d'alma os segredos
Me ouvisteis contar:

Ai! etc.

O Fado me aparta
Dos olhos, que adoro;
Dizei-lhe o que eu choro
De assim me ausentar:

Ai! etc.

Meu Coração triste,
Partido em pedaços,
Só pode os seus passos
Assim vigiar:

Ai! etc.

Mas levo em minha alma
Da ausência os temores,
E invejo os Pastores,
Que podem ficar:

Ai! etc.

Amor por vingar-se
Do livre Lereno
D'ausência o veneno
Assim faz provar:

Ai! etc.

RECADO

Ora adeus, Senhora Ulina;
Diga-me, como passou;
Conte-me, teve saudades?

Não, não;

Nem de mim mais se lembrou:

O amor antigo
 Já lhe passou,
 E a fé jurada?
 Tudo gorou.

Diga, passou bem no Campo?
 Divertiu-se? passeou?
 Acaso lhe fiz eu falta?

Não, não;

Nem, etc...

O amor, etc.

Era bom o seu Burrinho,
 Ou somente a pé andou?
 Lembrou quem lhe dava o braço?

Não, não;

Nem, etc...

O amor, etc.

Houve muita Contradança
 E com quem contradançou
 Lembrou-lhe este seu parceiro?

Não, não;

Nem, etc...

O amor, etc.

Cantou algumas Modinhas?
 E que Modinhas cantou?
 Lembrou-lhe alguma das minhas?

Não, não;

Nem, etc...

O amor, etc.

Há de dizer, que eu lembrava,
 E que por mim suspirou;
 Não há tal: bem a conheço:

Não, não;

Nem, etc...

O amor, etc.

A DOR DO MEU CORAÇÃO

MODA

Disfarço no alegre rosto
 Minha interior aflição;
 Porque os outros não conheçam
 A dor do meu Coração;

Tenho ensinado a meus olhos
Dos segredos a lição;
Sabem dizer em segrêdo
A dor do meu Coração:

Aparecem nos meus olhos
Desejos, que vêm e vão;
Consigo levam e trazem
A dor do meu Coração:

Talvez aquela, que adoro,
Que é minha consolação,
Não entenda, não conheça
A dor do meu Coração:

Quando seus olhos não vejo,
Cresce mais minha aflição;
Seus lindos olhos consolam
A dor do meu Coração;

Vi um dia, um certo dia;
Uns sinais de compaixão,
E dei por bem empregada
A dor do meu Coração.

QUEM DÁ O QUE TEM

CANTIGAS

Eu tenho que dar-te,
Alzira, meu Bem,
O meu terno Amor,
Que assim me convém:

Não sei, minha amada,
Se muito m'explico;
Mas da mais qu'um Rico
Quem dá o que tem.

Em vez de manadas,
E largos Currais;
Serão os meus Ais
Ofrendas também:

Não sei, etc.

Eu não te apareço
Com rico surrão;
Mas meu Coração
Maior valor tem:

Não sei, etc.

Por chuva, por calma,
De noite, e de dia,
Farei companhia
Fiel a meu Bem:

Não sei, etc.

À DOCE UNIÃO DE AMOR

CANTIGAS

Destinou-me a Natureza
Para ser seu Orador;
Deu-me por primeiro tema
A doce União de Amor:

Amor dá o tom
Para a Companhia,
Sem êle se vive
Em sensaboria (*).

Nem fôra ditoso o Mundo,
Nem tivera morador,
Quando nele se acabasse
A doce União de Amor:

Amor, etc.

(*) Na ed. original está por engano *sem-sabedoria* no lugar de *sem-saboria*.

Dos desgostos desta vida
Pior fôra o dissabor,
Se acaso os não temperasse
A doce União do Amor

Amor, etc.

Talvez maior que o das Feras
Seria o nosso furor,
Se acaso o não moderasse
A doce União de Amor :

Amor, etc.

No mesmo Reino do pranto
Um terno, amante Cantor
Susteve as penas cantando
A doce União de Amor :

Amor, etc.

Se entro no cerrado bosque
Ouço as Aves ao redor,
Que no seu gorgueio explicam
A doce União de Amor :

Amor, etc.

Se depõem o fero monstro
O seu natural furor,
É só quando o tem domado
A doce União de Amor.

Amor, etc.

Salta alegre ao lume d'água
O escamoso Nadador,
E talvez saltando explica
A doce União de Amor:

Amor, etc.

Uma planta abraça um tronco,
Uma flor beija outra flor,
Mostra em tudo a Natureza
A doce União de Amor;

Amor, etc.

É bom tudo o que Amor dá,
Seja prazer, seja dor,
Tem certo azêdo que agrada
A doce União de Amor:

Amor, etc.

O que não ama não acha
À Vida melhor sabor,
Que é o tempero da Vida
A doce União de Amor:

Amor, etc.

VOU MORRENDO DEVAGAR

CANTIGAS

Eu sei, cruel, que tu gostas,
Sim gostas de me matar;
Morro, e por dar-te mais gôsto,
Vou morrendo de vagar:

Eu gosto de morrer por ti;
Tu gostas ver-me expirar;
Como isto é morte de gôsto,
Vou morrendo devagar:

Amor nos uniu em vida,
Na morte nos quer juntar;
Eu, para ver como morres,
Vou morrendo devagar:

Perder a vida é perder-te;
Não tenho que me apressar;
Como te perco morrendo,
Vou morrendo devagar:

O veneno do ciúme
Já principia a lavar;
Entre pungentes suspeitas
Vou morrendo devagar;

Já me vai calando as veias
Teu veneno de agradar;
E gostando eu de morrer,
Vou morrendo de vagar:

Quando não vejo os teus olhos,
Sinto-me então expirar;
Sustentado d'esperanças,
Vou morrendo devagar:

Os Ciúmes, e as Saudades
Cruel morte me vêm dar;
Eu vou morrendo aos pedaços,
Vou morrendo devagar:

É feliz entre as desgraças,
Quem logo pode acabar;
Eu, por ser mais desgraçado,
Vou morrendo devagar:

A morte, enfim, vem prender-me,
Já lhe não posso escapar;
Mas abrigado a teu Nome,
Vou morrendo devagar.

MINUETE

Lília, oh Lília,
Tu não escutas
Soar nas grutas
O meu clamor!

Não me apareceres,
Não te enterneces,
Da minha dor?
Lília, ó Lília,
Morro de amor,

Lília, oh Lília,
Lá d'onde assistes,
Ouve os ais tristes
Do teu Pastor:

Não tardes mais,
Vem aos meus ais,
E ao meu clamor,
Lília, oh Lília,
Morro de amor.

NADA DE DÚVIDAS

CANTIGAS

Duvidou a minha Ulina,
Quis a minha fé provar;
Inda bem, desenganou-se,
Ah! não torne a duvidar;

Porque Amor quando duvida,
Principia a vacilar.

Não acreditou meus votos
Ao depois de eu lho jurar;
Veja agora, que são puros,
Ah! não torne a duvidar.

Porque, etc.

Aqui ponho a mão no fogo,
Que de amor arde no altar;
Eu repito o juramento;
Ah! não torne a duvidar;

Porque, etc.

Se em tanto tempo de ausência,
Eu pude a fé conservar;
Que mais provas quer Ulina?
Ah! não torne a duvidar;

Porque, etc.

Se em meio das outras Belas,
O seu Nome eu fiz soar;
Não tem de que desconfie,
Ah! não torne a duvidar;

Porque, etc.

Haja paz e confiança,
Que são delícias no amar;
Não amargure os meus dias,
Ah! não torne a duvidar;

Porque, etc.

À MADRUGADA

CANTATA

Já surge a rubra Aurora
Por cima dêste Monte,
E o límpido Horizonte
O Sol já vem dourar:

O côncavo Saveiro
Palemo põe em nado,
E o curvo anzol iscado,
Já vai lançando ao Mar:

Meu alvo Cordeirinho
A esta parte salta;
Só Lília aquí me falta,
Por Lília vou chamar:

Ah Lília se me negas
A tua companhia,
Que pouco importa o dia,
Que fazem malograr.

PERDÍ A ALEGRIA

CANTIGAS

Quando eu não amava,
Alegre vivia ;
Agora, que eu amo,
Perdí a alegria :

Tudo m'entristece,
Tudo m'enfastia ;
Perdí o sossêgo
Perdí a alegria.

Dos outros amantes
Zombando me ria ;
Agora chorando
Pago a zombaria :

Tudo, etc.

A lira tocando,
Aos mais divertia ;
Choro hoje ao som dela
De noite e de dia :

Tudo, etc.

Foi bem desejada
Minha companhia;
O meu pesar hoje
A todos desvia;

Tudo, etc.

Com meu doce canto
A tudo atraia;
Agora já fogem:
Da minha agonia:

Tudo, etc

Que os olhos de Lília,
Com tal tirania,
Assim me tornassem,
Ninguém o diria:

Tudo, etc.

Amor quis vingar-se,
Do que eu lhe fazia;
Armou-se de Lília,
Que só não podia:

Tudo, etc.

Cuidei que a razão
O Amor venceria;
Que êle era mais forte,
Eu tal não sabia;

Tudo, etc.

Não sou já Lerenó,
Qual era algum dia;
Pois choro cativo
Se livre me ria :

Tudo, etc.

A UNS LINDOS OLHOS

CANTIGAS

Olhos, que Amor anima
Com um suave encanto
Ah! suspendei meu pranto,
Que eu já não posso mais

Compadecei-vos ternos
Da minha saudade
Lêde nos meus verdade
De Amor que não negais.

Olhos que Amor acende,
D'uma suave chama,
Q'ó peito que não ama
Fazeis depressa amar.

Pois me acendestes tanto
 Em doce, e vivo fogo,
 Ardei nesta alma eu rogo.
 Que a chama há-de durar.

AO SOM DA LIRA A CHORAR

CANTIGAS... D'IMPROVISO.

Lereno, o fiel Lereno,
 Aquí se veio encostar,
 À sombra dêste alto frexo
 Ao som da Lira a chorar.

Amor de longe o escutava,
 Equilibrado no ar;
 Pareceu gostar de ouvi-lo

Ao, etc.

O mesmo Deus tão cruel
 Se ouviu então soluçar;
 Que faz compaixão Lereno,

Ao, etc.

Da sua Lília traidora
Êle ouviu queixas formar;
Lília, que allí o trouxera

Ao, etc.

Seu Amor, ou seu segrêdo,
Êle não quer arriscar;
E vem aonde o não oiçam

Ao, etc.

Esta rápida corrente
Viu o seu pranto parar;
Tanto espanta ouvir Lereno

Ao, etc.

Ao alegre canto das Aves
Em pranto se ouviu trocar;
Imitando ao que lhe ouviam

Ao, etc.

O pobre manso rebanho
Não foi a erva pastar;
Entretinha-se de ouví-lo.

Ao, etc.

Sairam das verdes ondas
Os bravos peixes do Mar;
Fora d'água o escutavam

Ao, etc.

As feras, as mesmas feras,
Deixam então d'uiviar;
Procurando quem ouviam

Ao, etc.

O pranto só de Lerenó
Podia tudo trocar;
E tudo queria ouvi-lo

Ao, etc.

Zéfiro mesmo calado
Não se sentiu voltar:
Mudo o ouvia d'entre as flores

Ao, etc.

Só a lastimosa Eco
O tentou arremedar;
Também se ouviu entre as Penhas,

Ao, etc.

O nome que se lhe ouvira
 Alí via redobrar;
 Lília, Lília, se repete,

Ao, etc.

Então raivoso Cupido
 Lhe prometeu de o vingar
 E foi procurar a ingrata

Ao, etc.

SEREI TRISTE ATÉ MORRER

CANTIGAS

Pois assim quer o meu fado,
 Pois Amor assim o quer;
 Não espero ser contente,
 Serei triste até morrer;

Nem pode fazer Amor,
 O que o destino não quer;
 Se esta tristeza é destino,

Serei, etc.

Sôbre as aras de Cupido
Renuncio ao meu prazer,
Protestando viver triste.

Serei, etc.

Para tornar-me contente
Só Elfina tem poder;
Se ela não quer alegrar-me,

Serei, etc.

Os olhos que me alegravam,
Não me deixa Elfina ver;
Negada a minha alegria,

Serei, etc.

Entendo o meu coração,
Q'está no peito a bater;
E palpitando me agoira

Serei, etc.

Para me fazer alegre,
Nem amor tem já poder;
Se Elfina me quer ver triste

Serei, etc.

Gostarei de viver triste,
Pois que Elfina assim o quer;
E só por dar-lhe este gosto

Serei, etc.

OUTRAS

Rodeou feia tristeza
Meu berço logo ao nascer,
Bafejou-me a triste vida,

Serei, etc.

Ao abrir dos frouxos olhos
Vi o dia escurecer ;
Foi preságio da tristeza,

Serei, etc.

Fala o coração batendo ;
Bateu, que me quer dizer ?
Talvez me diz palpitando

Serei, etc.

Nasce o dia acha-me triste,
Vê-me a noite entristecer ;
Tristes horas me rodeiam,

Serei, etc.

Lindos olhos de Jozina,
Só vós sois o meu prazer ;
Se eu vos vejo um dia tristes

Serei, etc.

Vem essas lágrimas tristes
Minha alegria empecer;
Senão vos tornais alegres,

Serei, etc.

ZABUMBA

CANTIGAS

Amor ajustou com Marte
Vãos Mancebos alistar,
Um lhes dá trabalho honroso,
Outro os faz rir e zombar:

Tan, tan, tan tan Zabumba
Bela vida Militar;
Defender o Rei e a Pátria
E depois rir, e folgar.

Toca Marte à Generala,
Vai as Armas aprestar;
Amor tem prazeres doces,
Com que os males temperar:

Tan, etc.

Oiço o rufo dos Tambores,
Já dalí toca a marchar ;
Os adeuses são à pressa,
Não há tempo de esperar :

Tan, etc.

Vai passando o Regimento
E as meninas a acenar :
Vão as armas perfiladas,
Mal se pode a furto olhar :

Tan, etc.

A mochila que vai fôfa
Pouco leva que pesar ;
Pouco pão e pouca roupa
Mas saudades a faltar :

Tan, etc.

A Cidade, que é de Lona
Vejo à pressa levantar ;
Põem-se as Armas em sarilho
Vai a Tropa descansar :

Tan, etc.

Vigilantes Sentinelas

Vejo alerta passear!

Quem vem lá? Quem vai? Faç'alto,

Sempre alerta ouço gritar

Tan, etc.

Vejo alegres Camaradas

Os baralhos aprontar;

Param, topam, sujo cobre

A perder, ou a ganhar

Tan, etc.

Da-se um beijo na borracha,

Lá vão brindes a virar;

E c'o pública saúde

Vai tensão particular:

Tan, etc.

Vem quartilho, vai Canada

Toca enfim a emborrachar

A cabeça bamboleia,

Ali ouço rressonar:

Tan, etc.

Corre o que vigia o Campo
Vem perigo anunciar ;
Peg'as armas, peg'as armas,
Dobra a Marcha, e avançar :

Tan, etc.

Uma brigada em colunas
Marcha a outra a obliquar,
Os contrários fazem cara,
Toca a morrer, e a matar :

Tan, etc.

Já fuzila a Artilharia
Sinto as balas sibilar ;
Nuvens já d'espêso fumo
Vão a luz do Sol turbar ;

Tan, etc.

Oiço o bum, bum, bum das Peças,
Vejo Espadas lampejar ;
Lão vão pernas, lá vão braços,
Lá cabeças pelo ar.

Tan, etc.

A batalha está ganhada
Vão o Campo saquear ;
Vem bandeiras arrastando
Toca enfim a retirar :

Tan, etc.

Venha a nós, viva quem vence
Quem morreu deixá-lo estar ;
E da Pátria no regaço
Os Heróis vem descansar .

Tan, etc.

Os que salvam da peleija
Vem a Amor as graças dar ;
E em sinal da sua glória
Juntam flores ao Cocar :

Tan, etc.

Os olhos, que viram tristes
Vêm agora consolar ;
A saudade se esvoaça
Torna a posse ao seu lugar :

Tan, etc.

Vem família, vem Vizinhos
Boa vinda festejar;
E da boca gloriosa
Grandes cousas escutar:

Tan, etc.

Despe a veste, mostra o peito,
Quer sizuras procurar;
Mas o tempo sarou tudo,
Nem sinal se pode achar;

Tan, etc.

Que afrontou sempre os perigos
Gentil Dama há de escutar,
S'estimou guardar a vida,
É só para lha entregar:

Tan, etc.

Um merecimento novo
Tem de novo a apresentar,
Vem mais rico de esperanças,
Tem despachos que esperar;

Tan, etc.

Há-de ter a fita verde
De uma Ordem Militar;
Soldo em dôbro por três meses
Que a Senhora há de gastar :

Tan, etc.

Não creais Meninas nestes,
Não é certo o seu amar;
Costumados sempre à marcha
Até amam a marchar :

Tan, etc.

O. NOME DO TEU PASTOR

CANTIGAS

No tronco de um verde Loiro
Me manda escrever Amor,
Misturado com teu nome,
O nome do teu Pastor :

Mil abelhas curiosas,
Revoando derredor,
Chupam teu nome, deixando

O nome, etc.

De um raminho pendurado,
 Novo emplumado Cantor,
 Suspirava alí defronte,

O nome, etc.

Ah! Lília, soberba Lília,
 Donde vem tanto rancor?
 Tu bem viste, mas não lêste

O nome, etc.

Já não se via o teu nome,
 Bando o levou roubador;
 E ficou só desgraçado,

O nome, etc.

O teu nome que roubaram
 A novo mel dá sabor
 Sem o misto d'amargura
 Do nome do teu Pastor.

POR ÊSTE PREÇO QUEM NÃO
 SERÁ CATIVO

CANTIGAS

Graças ao Céu! Sou Cativo,
 E é feliz meu Cativoiro:
 Amor me comprou por preço
 Que vale mais que o dinheiro:

Uns olhos lindos
Cabelo loiro
Corpo bem feito

Digam todos, todos digam
Senão vale mais que o oiro?

Vai a cubiçosa gente
Vender por oiro a vontade;
Mas eu dou por melhor preço
Minha cara liberdade:

Uns olhos, etc.

O lindíssimo semblante
Ninguém vê da minha bela
Que não ofereça a Amor
Ser seu Escravo por ela:

Uns olhos, etc.

Eu não quero da Fortuna
Os bens, que em seu Cofre tem,
Que todos êles não valem
A metade do meu bem:

Uns olhos, etc.

Q'importa o metal luzente,
Que tanto adora a ambição?
Senão pode contentar
O meu terno coração:

Uns olhos, etc.

Com as riquezas de Amor
Não ponha a sorte a riqueza;
Que é maior que o da Fortuna
O poder da Natureza.

Uns olhos, etc.

SOLDADO DE AMOR

CANTIGAS

Sou Soldado, sentei Praça
Na gentil Tropa de Amor,
Jurei as suas Bandeiras,
Nunca serei desertor.

Eu sou Soldado,
Eu sirvo Amor,
Jurei Bandeiras,
Nunca serei desertor.

De Cupido os Regimentos
Não tem Zabumba, ou Tambor;
Tem um certo mover d'olhos,
Que chama muito melhor:

Eu sou, etc.

Dos Amorosos perigos
Eu não tenho nunca horror;
Tenho valor de sofrê-los,
Quanto mais, quanto melhor:

Eu sou, etc.

A fraqueza d'algum Chefe
Aos Soldados faz temor
Eu não tenho que temer-me;
Sirvo a um Nume vencedor.

Eu sou, etc.

Em quanto Amor bem me pague
Hei de servir bem Amor
Elfiná seja meu soldo
Nunca serei desertor.

Eu sou, etc.

Se do meu Augusto Chefe
Tenho honras e favor
Eu devo fiel servi-lo
Seja o perigo qual fôr.

Eu sou, etc.

Desertem os mais embora
Quem tem coração traïdor
Jurei fé, cumpro os meus votos
Nunca serei desertor.

Eu sou, etc.

AMAR NÃO É BRINCO

CANTIGAS

Você trata Amor em brinco
Amor o fará chorar
Veja lá com quem se mete
Que não é para zombar.

Estribilho

Ai Amor, Amor, Amor!
Vocês zombam com Amor
E não é para zombar.

O Amor é muito sério
Mui sério se há de tratar
São mui sérios seus prazeres
Mui sério é seu pesar.

Aquele que vive livre
E vai com Amor brincar
Vê nos pés, e vê nos pulsos
Os seus ferros apertar.

O Amor promete prêmios
Os prêmios começa a dar
Mas tudo o que trouxe em risos
Quer em lágrimas cobrar.

Amor vem manso, mansinho
No coração habitar
E depois de estar de dentro
Quer só êle as regras dar

Amor quando entra no peito
Parece o vai consolar
Mas travesso em pouco tempo
Faz a gente palpitar

Com Amor nada de pressas
Vamos muito de vagar
Porque como êle é criança
Se correr hade cançar.

MARCHA DEPOIS DA VINDA
DO ROUSILHON

Correi às Margens do Tejo
Generosos Portugueses
As Armas, e os Arnezes
Dos vossos vereis brilhar.

E vós adoradas Ninfas
Ide as vestes enxugar
Vem borrifadas de Sangue
Que a honra fêz derramar.

Estrilho

Ide apressa que os Tambores
Já se escutam ressoar

Nos ombros do amigo rio
Os transporta a leve Barca
E do Herói que a areia marca
Vein a Onda o pé beijar

Não fez alheios costumes
Próprios costumes mudar
Se os vistes partir amigos
Amigos vêde tornar

Ide, etc.

Fiéis aos antigos votos
São dignos d'altos louvores
A seus Augustos Senhores
Sabem servir e calar

Ide, etc.

Se beijam a mão Augusta
Mão que os pode premiar
Sabendo merecer prêmios
Não precisam suplicar.

Ide, etc.

Fiéis à sua aliança
No prazer ou nos perigos
Aos Amigos são Amigos
Aos mais dão que recear

Tem só por seu lucro a honra
Sem mais pertender lucrar
São poucos que valem muito
Em muito se hão-de estimar.

Ide, etc.

As respeitáveis Bandeiras
Vereis ao ar desfraldando
Elas mesmas vem mostrando
Quanto são de respeitar

Em tôda a parte estimada
Gente briosa, e Guerreira
Em tôda a parte a primeira
Afrontando a terra, e o mar

Ide, etc.

Vós que sofrestes por êles
A terna e justa saudade
Que ou Amor ou amizade
Ternos vos fez suportar

Dai-lhe os braços recebei-os
E nos mais ternos afagos
O Céu vos torna assim pagos
Do que a sorte quiz roubar.

Ide, etc.

SUSPIROS DO CORAÇÃO

CANTIGAS

Amor feriu o meu peito
Com seu dourado farpão
E saíram pelas fendas
Suspiros do coração

Aos Ouvidos do meu Bem
Chegará minha aflição,
Porque nas azas a levam

Suspiros, etc.

Devo ir sofrendo, e calando
A minha infeliz paixão,
E em segredo voar devem

Suspiros, etc.

Quando o respeito embaraça
A minha livre expressão
Servem-me então de linguagem

Suspiros, etc.

Ah meu bem, tu não reparas ;
Porque não dás atenção,
A pressa com que te buscam

Suspiros, etc.

Se teus olhos inquietos
Dizem sim, e dizem não,
Vão de perto percebê-los

Suspiros, etc.

Se tu cuidas que eu te engano,
Põe sôbre o meu peito a mão,
Verás como fervem dentro

Suspiros, etc.

Se as vozes que soltar quero
Vêm embargar-me a razão,
Não importa ; que me explicam

Suspiros, etc.

Venham teus ais escondidos,
Que os meus escondidos vão,
E no caminho se encontram

Suspiros, etc.

Vai banhando um meigo pranto
Meu duro férreo grilhão,
Sopram mais a minha chama

Suspiros, etc.

Eu não posso acompanhar-te
Seguir-te não posso não,
Mas irão onde tu fores

Suspiros, etc.

Amor tem para as ausências
Alguma consolação,
Excita por desafôgo

Suspiros, etc.

Para ter mútuas notícias
Não faltam correios não
Servirão de portadores,

Suspiros, etc.

O estrondo, o luto dos ares
Meu Bem não te assuste, não,
Turbam tudo e estalam tanto

Suspiros, etc.

Se ao passear dêsses campos
Sentires ranger o chão,
É que a teus pés vão caindo

Suspiros, etc.

Já nas asas da saudade
Chega a morte e estende a mão,
Já me espreme os derradeiros
Suspiros do coração.

INDA SOU TEU

CANTIGAS

Desde o primeiro momento,
Em que viste o gesto meu ;
Desde então me cativaste
Com que gôsto inda sou teu !

Amor assim preparara
Este novo estado meu ;
Quiz-me escravo ; terno escravo,
Desde então inda sou teu.

O teu Coração batia,
Batia também o meu:
Tu sossegaste, e estás livre
Eu inquieto inda sou teu.

Ah que foi mui frouxo o laço,
Com que o Amor te prendeu;
Foi mal seguro, fugiste;
Segurou-me, inda sou teu.

Finjo diante dos outros,
Calo o triste estado meu;
Bem que pareça estar livre.
Sou escravo, inda sou teu.

Não, já não pode extinguir-se
Fogo, que amor acendeu;
Entre as cinzas abafado
Arde ainda, inda sou teu.

A teu meigo volver d'olhos
Amor tantas fôrças deu,
Que desde que me prenderam
Sem soltar-me, inda sou teu.

Tanto o meu amor disfarço,
Que inda ninguém o entendeu;
Não o entendam muito embora
Não importa; inda sou teu.

Ah! meu bem, para mim vive,
Que para ti vivo eu,
Na presença, ou na distância
Podes crer-me, inda sou teu.

Do nosso destino a Urna
Travesso Amor revolveu;
Viu que tu vives mudando
E eu morrendo inda sou teu.

Vamos, cruei fazer contas
Do teu amor, e do meu:
Eu pagando, não és minha;
Tu devendo, inda sou teu.

Se tu vires, que eu te falto,
Dize, Lerenó morreu:
Mas sabendo, que inda vivo,
Saberás, que indo sou teu.

Uma nova escravidão
Se queres, te juro eu,
Repetindo antigos votos,
Aqui juro, inda sou teu.

Sobre a doce antiga chama;
Que nosso amor acendeu,
Jura, de quem és agora,
Vê jurar, que inda sou teu.

Ser teu sempre, ternamente
Amor mesmo o prescreveu,
Eu de amor as leis seguindo,
Só teu fui, inda sou teu.

A mim já não me pertença;
Nem eu mesmo já sou meu,
Amor fez, que teu eu fosse,
Por amor inda sou teu.

É uma vida já nova
A vida, que amor me deu;
Faz ser tua a minha vida,
Eu o cumpro, inda sou teu.

Debaixo da fria Campa,
Existindo o corpo meu;
Enquanto o coração dure,
Alí mesmo inda sou teu.

PRIMAVERA

Já lá vem a Primavera,
Mostra o rosto animador;
Vem na sua companhia
O suave, e meigo Amor.

Já derrama sôbre os campos
Brando orvalho criador;
E as campinas devastadas
Faz que anime um novo amor.

Já dos ventos furiosos
Não soa o rouco estridor;
Os galernos lisonjeiros,
Só inspiram paz e amor.

Já das plantas nasce a planta
Já das flores nasce a flor;
Vão-se os campos animando
Por um dôce e meigo amor.

Já dentre os verdes raminhos
Ouço o implumado cantor;
Que entoa nos seus gorgeios
Alegres hinos de amor.

Boia sobre as ondas mansas
O escamoso nadador,
E festeja leves pulos
Dôces efeitos de amor.

Vejo o rebanho contente
Saltar em torno ao Pastor;
E nos seus meigos balidos
Estão explicando amor.

A sombra dêste alto freixo.
Que nos escuda ao calor,
Elfina, formosa Elfina,
Vamos nós tratar de amor.

Vou consultar minha sorte
Nesta breve e linda flor;
Bem me queres, mal me queres,
Ah! que não me tens amor.

Essa, que trazes no peito,
Talvez se explique melhor,
Era um melindre, murchou-se.
Ah! que dura pouco amor.

Vou colher outras de acaso;
Bate o peito com temor;
Trago martírios, saudades,
Tanto me destina amor.

Tenho nas flores má sorte;
Terei nas plantas melhor,
Colho a planta sensitiva
Tal eu sou por teu amor.

Elfina, formosa Elfina,
Que tens que mudas de côr!
Ou feliz, ou desgraçado,
Eu te juro eterno amor.

QUANDO OS MORTAIS QUER RENDER

CANTIGAS

Minha Lília, vê o mundo
 A teus pés todo tremer;
 Porque amor de ti se vale,
 Quando os Mortais quer render.

Nos teus olhos, lindos olhos
 Pôs amor todo o poder
 São as armas de que êle usa

Quando, etc.

Amor esconde os teus olhos;
 Se nos quer entristecer,
 E faz que êles apareçam

Quando, etc.

Deixa Amor o arco e setas
 Êste peso mais não quer;
 Os teus olhos só lhe bastam

Quando, etc.

Sinto já de frouxo susto
 O meu coração bater;
 Movimento, que amor causa,

Quando, etc.

A luz viva de teus olhos
Chama de amor sinto arder,
Vivo fogo, que êle acende

Quando, etc.

Promessas de Amor não creio.
Fácil sempre em prometer,
E faculta mil venturas

Quando, etc.

Ninguém Amor acredita;
Deu-se muito a conhecer;
Já se sabe como engana

Quando, etc.

Nega Lília a Amor teus olhos,
E verás a Amor tremer:
Dos mortais escarnecido

Quando, etc.

A razão tem feito a muitos
Contra Amor endurecer;
Mas êle usa do teu pranto
Quando os mortais quer render.

AMOR SABIDO VAI GUALDIDO

Cautela, Olhos, cautela
 Calai vossa inclinação;
 Para que os mais não percebam
 O que tem meu Coração;

Cuidado, Olhos, cuidado,
 Porque o Amor percebido
 Começa a ser maltratado

Há gente que nos vigia,
 Por ver onde as vistas vão;
 E por vós é que adivinham
 O que, etc.

Cuidado, etc.

Apenas se conhecer
 Que tenho alguma paixão
 Começa a ralhar a Inveja
 Do que, etc.

Cuidado, etc.

Não pôs nunca a Natureza
 Ao sentir proibição,
 Porém o Mundo proibe
 O que, etc.

Cuidado, etc.

Se é minha a minha Vontade,
Posso sujeitá-la, ou não,
À mais gente que lhe importa
O que, etc.

Cuidado, etc.

Inda a mesma que adorais,
Por natural presunção,
Há de enfadar-se em sabendo
O que, etc.

Cuidado, etc.

RAIVAS GOSTOSAS

Eu gosto muito de Armania,
Que é mui dengue, é mui mimosa,
Que meiga a todos agrada,
E até me agrada raivosa.

Vou enraivecer Armania,
Que tem raiva graciosa;
As mais vencem por ser meigas,
Elã vence até raivosa,

Gosto das suas raivinhas,
Que avivam a côr de rosa,
Eu gosto de a ver corada,
Por isso a quero raivosa.

Eu com quatro palavrinhas
De idéia artificiosa,
Vou tirá-la do seu sério,
Eu quero vê-la raivosa.

O seu terno Coração
Vigia mui caprichosa.
E, inda que êle queira amar,
Ela não quer de raivosa.

Tremei Amores, tremei.
Tremei turba presunçosa;
Jurou a vossa ruina
Armania, que está raivosa.

Quer sofrer à custa
A raiva assim virtuosa;
Não há de amar, porém há de
Ser amada, assim raivosa.

ESTRIBILHO

O céu tais graças lhe deu,
Que ainda raivosa é bela;
E se não que o diga eu,
Que gosto das raivas dela.

AO MEU PENSAMENTO

Basta, Pensamento, basta,
 Deixa-me enfim descansar;
 Um bem, que ser meu não pode,
 É um tormento lembrar.

Estrilho

Basta, sim, basta
 Meu Pensamento;
 Tu és agora
 O meu tormento.

Que importa a minha ternura,
 Minha fé, minha lealdade
 Tendo a terrível mistura
 Da minha infelicidade.

Basta, etc.

Idéias vãs, não me finjas
 Do valor de uma fé pura;
 Que era melhor que eu tivesse
 Menos amor, mais Ventura.

Basta, etc.

Provar da Sorte a mudança
 Meu Pensamento bem quis;
 Mas a que muda nos outros
 Sempre me quer infeliz.

Basta, etc.

Amor é gôsto, e vontade
 Sempre se define assim
 Fêz-me a Desgraça gostar
 De quem não gosta de mim.

Basta, etc.

Basta, Pensamento ousado,
 Vê que ninguém te desculpa;
 E vê que de um desgraçado
 Inda um pensamento é culpa.

Basta, etc.

CADA VEZ QUERER-TE EU MAIS

IMPROVISO

Tu gostas de meus suspiros,
 E de ouvir meus tristes ais;
 Gostas de ver-me morrendo
 Cada vez querer-te eu mais.

Se em meus olhos reparares,
Hás de ver de Amor sinais;
E verás, quando mais vires,
Cada, etc.

Entrei no Templo de Amor
Com poucos a mim iguais;
E foi todo o juramento,
Cada, etc.

Tu já deste a meus desejos
Cruentos golpes fatais;
E a esperança me fazia
Cada, etc.

Loucamente me fugias
Para perjuros rivais;
Vinhas dêles e me vias
Cada, etc.

No meio dos meus enfados,
Dos meus ciúmes fatais,
Me viste, abrasado em zelos.
Cada, etc.

Quando tu pões nos meus olhos
Os teus olhos divinais,
Fazes com doce renovo
Cada, etc.

Protesto não mais querer-te,
 Quero disto dar sinais;
 E o meu coração me manda
 Cada, etc.

Se depois de vir a Morte
 Podem amar os Mortais;
 Nos Elisios será visto
 Cada, etc.

PUROS VOTOS EU JUREI

IMPROVISO

Almena, gentil Almena,
 A quem a minha alma dei;
 E por quem, de Amor nas Aras,
 Puros Votos eu jurei.

Por teu Nome, doce Nonie,
 Sempre alegre eu chamarei,
 Por êle mesmo jurando,
 Puros, etc.

Já de Amor tinha fugido,
 Por ti a êle tornei;
 E suplicando piedade
 Puros, etc.

Roguei-lhe novas cadeias
E novos ferros beijei;
Vóz, e vista, e mãos alçando
Puros, etc.

Amor não queria ouvir-me
Lembrado de que o deixei;
E lembrado de que nunca
Puros, etc.

Talvez queira punir-me
De alguns Votos, que eu quebrei,
Eram falsos, mas agora
Puros, etc.

Logo ao raiar deste dia
O terno Apolo invoquei;
E à luz de seus mesmos raios
Puros, etc.

Que por ti a Amor servia;
A Amor mesmo protestei;
Sendo-me o Céu testemunha
Puros, etc.

Com vozes, que saem da alma,
Pedacos da alma arranquei;
E assim, desfeito de amores,
Puros, etc.

Por ti, se fôr necessário,
 A vida mesma eu darei;
 Que de ser teu tôda a vida
 Puros, etc.

Vive, e bem que sejas de outro,
 Sou teu, por ti morrerei;
 Jurei-o, fiz os meus votos,
 Puros, etc.

VIVER SÓ PARA TE AMAR

CANTIGAS

Venha a Morte muito emboira
 Meus frouxos dias cortar,
 Que inda assim há de a minha alma
 Viver só para te amar.

A vida vale de pouco,
 Eu pouco a soube estimar;
 Quero viver por que quero,
 Viver, etc.

Poderão teus lindos olhos
 Meu gôsto antigo trocar;
 Gosto viver, porque gosto
 Viver, etc.

Já suplico à cruel Morte
Queira meus dias poupar,
Que por mais tempo me deixe
Viver, etc.

Tu podes, se tu quiseres,
Os meus dias dilatar;
Ah, meu Bem! faze que eu possa
Viver, etc.

Se ou morro, e por ti só morro,
Tu me podes animar:
Anima-me, que eu prometo
Viver, etc.

INDA SOU TEU

CANTIGAS

Desde os nossos Juramentos
Vê meu bem, que sucedeu;
Tu prometeste e faltaste
Eu jurei, e inda sou teu.

Chamaste o Céu testemunha,
E foi testemunha o Céu;
Ele vê, que já és de outro
Ele vê que inda sou teu.

Pudeste quebrar os laços
Com que o Amor nos prendeu;
Da tua parte estás solta,
Mas da minha, inda sou teu.

Em fim a chama apagaste.
Que um vivo Amor acendeu;
Vejo que tu te esfriaste,
Vê que eu ardo e inda sou teu.

Amor ouviu nossos votos,
Nossos votos recebeu;
Tu os quebras não és minha,
Eu os cumpro inda sou teu.

A teu voto e a meu voto
Benigno Amor atendeu;
O teu foi ser minha, e faltas,
Eu não falto, inda sou teu.

O teu Coração mudou-se,
Mas não se mudou o meu,
Entra dentro, anda, vem vê-lo,
Vê, cruel, que ainda sou teu.

Mal souu teu juramento,
Mesmo no ar se perdeu,
O meu inda se conserva,
Tu bem vês que inda sou teu.

Pudeste, ingrata, deixar-me,
Deixar-te não posso eu;
Tu mudaste, e foste de outro,
Eu não mudo, inda sou teu.

Tu foste minha por fôrça.
Eu sou teu por gôsto meu;
Falta a fôrça, o gôsto dura,
Tu és de outro, inda sou teu.

Era teu gôsto matar-me,
Mas Amor me defendeu,
E mesmo contra o teu gôsto
Inda vivo, inda sou teu.

Sempre unidos nossos votos
Subiram da Terra ao Ceu
O teu dissipou-o o Vento,
O meu não, inda sou teu.

Roubaste-me o Coração
Que trocarias pelo meu,
Não fica assim; bem a troca,
Não és minha, e inda sou teu.

Teu me fizeram teus olhos
Com um brando mover seu;
Ah! torna a olhar-me benigna,
Vê, meu bem, que inda sou teu,

DOENÇA E MELHORA DE MARÍLIA

CANTIGAS

Pastores, que é isso;
Amor assustado,
E as Graças ao lado
Com susto também:

Que mal tem as Graças,
Amor que mal tem?

Do Deus dos Amantes
A meiga família
Em tórno a Marília
Meus olhos lá vêm.

Que é isto, que é isto?
Não sabe ninguém?

Doença atrevida,
Que esconde o seu passo,
Ergue o duro braço
Ó Céus! contra quem?

Os olhos o viram
E ainda o não crem.

Turbou da Saúde
A usada carreira
E em vária maneira
Seu passo detém.

Amor, já sei donde
Teu susto provém.

Apressa, ó Virtude,
Ao Céu dirigida,
Suplica esta Vida
Mais Vida de Alguém:

O bem que trouxeres
Será nisso bem.

Embora uma vez
Pareça ferina
A sã Medicina,
Que as Parcas sustém,

Pois contra os seus ferros
Tem ferros também.

A veia se rasga,
O sangue já corre,
Marília não morre,
Ó Céus, inda bem!

Já dar-nos podemos
Geral parabem.

BATEU AS AZAS E VOOU

CANTIGAS

Dos Olhos de Ulina bela
O Deus de Amor me espreitou;
A um volver de olhos feriu-me,
Bateu as azas, voou.

Tinha medo da Razão,
Que sempre me acompanhou;
Feriu-me, mas foi a medo,
Bateu, etc.

Já tinha tentado o golpe,
E nunca o golpe acertou;
E agora feito o seu tiro,
Bateu, etc.

Nas leves azas librado
De longe me vigiou;
Depois de haver-me rendido,
Bateu, etc.

A prender-me os pés e os pulsos
Com os seus ferros tornou;
Depois de cingir-me os ferros
Bateu, etc.

Riu-se de ver-me cativo,
Dos seus estragos gostou,
E cantando o seu triunfo,
Bateu, etc.

Não contente inda com isto,
Escarneceu e zombou;
Entre os meus tristes suspiros
Bateu, etc.

Lisonjeiras esperanças
Nas lindas mãos me mostrou;
Quando eu ia a segurá-las
Bateu, etc.

Riu-se Amor do meu Engano,
E dos meus ais motejou,
Das minhas magoas zombando
Bateu, etc.

Que sempre me maltrasse
Muito a Ulina encomendou;
Decretando os meus tormentos
Bateu, etc.

A razão que me guiava
Contra êle em vão clamou;
Porque Amor sem atendê-la
Bateu, etc.

Inda assim a meus gemidos
Um pouco Amor se inclinou;
E temendo condoer-se
Bateu as asas voou.

E QUE CULPA TENHO EU?

CANTIGAS

Coração, pois tu quiseste
Amar por empenho teu;
Que morras, que vivas triste,
E que culpa tenho eu?

À tua saudade
Não achas desculpa,
Que se tu a sofres
Tu só tens a culpa

Coração, não te lembraste
Do que já te sucedeu?
Tornaste outra vez a amar,
E que, etc.

Esqueceu-te a antiga chama
Que baldadamente ardeu,
Tornas a chegar-te ao fogo
E que, etc.

Das dores, das saudades
Não tinhas exemplo, e teu?
Quiseste outra vez sofrê-las,
E que, etc.

Tu não sabias que Amor
Boa vida nunca deu?
Inda teimas em servi-lo,
E que, etc.

Sarei-te com a razão,
Quando Amor te enloqueceu;
Tornas à nova loucura,
E que culpa tenho eu?

UM TERNO AMADOR

CANTIGAS

Escuta, Cupido,
Meus ais magoados,
Que vão desgraçados
Pedir-te favor.

Tem dó de um aflito,
Que triste assim morre;
Escuta, socorre
Um terno amador

Vê como revoam
Meus ternos suspiros,
Que a longos retiros
Os faço transpor

Nas pálidas faces
O pranto já corre;
Escuta, socorre
Um terno amador

Amor, vem salvar-me,
Das mãos da Ventura;
Que a minha ternura
Tem ódio, e rancor.

Ouve um desgraçado
Que a ti só recorre;
Escuta, socorre
Um terno amador.

Lereno não vive
Se tu não lhes acodes
Ah! salva, que podes
A aflito Pastor.

Mortal frio gelo!
Nas veias discorre;
Escuta, socorre
Um terno amador.

CRIME GOSTOSO

CANTIGAS

Quem quiscr saber se eu amo,
Repare em meus olhos bem;
Que êles não sabem calar
A paixão que o peito tem.

Inda bem ó meu cuidado,
Dizem que o amor é crime,
Eu gosto de ser culpado.

Jurei não amar; e eu amo;
Foi baldada a minha emprêsa;
Mais quem pode resistir.
Aos encantos da beleza?

Inda, etc.

Jurei não amar, e eu amo,
Confesso a minha fraquesa,
Mas não é meu todo o crime;
É tambem da Natureza

Inda, etc.

Talvez sem razão me culpa
Quem o meu amor crimina;
Pode ser que êle me inveje
Quando vir que eu amo Elfina.

Inda, etc.

O que se gabar de livre;
Não zombe do estado meu,
Que se vir a minha Elfina
Será cativo como eu.

Inda, etc.

Se é um crime o ser amante,
Bem criminoso sou eu;
Mas é tão gostoso o crime
Que eu gosto bem de ser réu.

Inda, etc.

Não cuides formosa Elfina,
Que Eu ímpias lições te dite,
Um puro amor é virtude,
É crime amar de appetite.

Inda, etc.

Quem não souber o que são
Amor, saudades e zelos,
Veja Elfina e tudo fazem
Os seus lindos olhos belos.

Inda, etc.

De adorar seus lindos olhos
Alguém me chega a culpar ;
Mas que venha um dia vê-los
E depois deixe de amar .

Inda, etc.

Gosto de amar, vou amando,
Que importa murmure a gente,
Se a gente que assim murmura,
Talvez não seja inocente!

Inda, etc.

Bem sei que não paga Elfina
Esta paixão que me estraga ;
Mas um amor que é só gôsto ;
Nem quer, nem precisa paga .

Inda, etc.

Não se cansa a Natureza
Em criar cousas em vão,
E senão fôr para amar,
Do que serve o coração .

JURAMENTO DE UM E OUTRO

CANTIGAS

Se uma dôce simpatia
A amar nos vem obrigar,
Sigamos a Natureza
Pura fé vamos jurar.

Vão nossos votos
Já sôbre o vento,
E amor recebe
Meu juramento
Teu juramento.

Demos ao mundo um exemplo
De constância singular,
Veja que há gente que pode
Amar sem mais fim que amar.

Vão, etc.

Se a moda é variedade,
Vamos da moda zombar:
E amor, que a inconstância ofende,
Deve a constância vingar.

Vão, etc.

A mania dos ciúmes,
Nós devemos detestar
Na presença, na distância,
Mútua fé vamos jurar.

Vão, etc.

TROPA DE AMOR

Moda em uma solfa de Player

CANTIGAS

Alerta Pastores
De amor inimigos,
Q'os justos castigos
Já vejo chegar.

Amor escoltado
De mil Cupidinhos
Nos campos vizinhos
Já sinto marchar.

Os fogos terríveis
Já perto chamejam
Já perto lampejam
Os ferros mortais

Rebeldes Pastores
Pagai-lhe o tributo,
Apressa, que escuto
Do ataque os sinais.

De enganos volantes
A tropa ferina,
Primeiro a campina
Vem atalaiar.

Amor os armara
De ardentes desejos,
Com que malfazejos
Vem tudo assolar.

Fingida esperança,
Q'amor tem a soldo;
Erguendo áureo toldo
Vos vem enganar.

Alí quer brindar-vos
Com paz afetada,
E tem de emboscada
De enganos milhar.

Raivoso ciume
Lhe cobre a direita,
Tem leve suspeita
No esquerdo lugar.

Dispostos nos flancos
Vem duros cuidados,
Frenesins soldados
Maus de acomodar.

Debalde a razão
Valer-vos deseja,
Que sempre fraqueja
Nas guerras de Amor.

Será meu conselho
Render-se a partido,
Que opor-se a Cupido
Foi sempre o pior.

Dos tristes gemidos,
Que o ar vão rompendo,
Estou percebendo
Que Amor já venceu.

E vós presumidos
De livres, de bravos,
Já sois hoje escravos
Cativos como eu.

Amor que castiga
Rebeldes vontades,
Mandou que em saúdaes
Lereno imiteis.

Como êle vos coube,
Ah, tristes coitados.
Não ser nunca amados
Por muito que ameis.

AMAR SEM INTERÊSSE

CANTIGAS

A formosa Ulina é d'outro,
E minha não pode ser;
Assim mesmo a hei de amar,
Seja enfim de quem quiser.

Estrilho

Hei de amar sem interesse
Basta só ver que o merece,
Merece, merece.

Se eu a amar só tendo minha;
Pouco faço amando assim,
Que êste amor, que então lhe mostro,
É mais por amor de mim.

Hei de, etc.

O tormento é todo meu,
E eu trato de o mitigar ;
Bem que não pode ser minha,
Mesmo assim a quero amar .

Hei de, etc.

Uma beleza divina ;
Não julgo crime adorar,
Se é crime é da Natureza,
E eu a não posso emendar .

Hei de, etc.

Sendo do meu Amor firme,
Tão firme a base em que o fundo ;
Manda-me a Lei da razão,
Que eu o esconda a todo mundo .

Hei de, etc.

Não mostro a minha paixão ;
Que do mundo tenho medo,
O mundo ralha de tudo
Quero guardar-lhe segredo .

Hei de, etc.

Jurou Ulina ser d'outro,
E d'outro Ulina ha-de ser.
Se fôr perjura perdeu-se
Se o não fôr, que hei de eu fazer?

Hei de, etc.

Não quero que o mundo entenda
Minha mal paga paixão,
Só porque êle não me acuse,
O gosto de amar em vão.

Hei de, etc.

Não quero que Ulina saiba,
Que me fere, e me maltrata;
Só por poupar-lhe o desgosto
De que deve ser-me ingrata.

Hei de, etc.

O meu amor sempre puro,
Nem aspira, nem se atreve,
A obrigar a quem adora,
A fazer o que não deve.

Hei de, etc.

Temo as Leis escrupulosas,
 Que o vaidoso mundo tem;
 E não quero fazer mal,
 A quem é todo o meu bem.

Hei de, etc.

Não hei de queixar-me nunca,
 D'adorada formosura,
 Faço a ela os meus louvores,
 As queixas faço à ventura.

Hei de, etc.

Talvez que eu dê em amores
 Uma prova singular;
 Que é sucesso nunca visto
 Amar sem mais fim, que amar.

Hei de, etc.

JÁ MAL POSSO RESPIRAR

CANTIGAS

Vem Ulina s'inda queres.
 Os meus dias dilatar;
 Que abafado de saudades
 Já mal posso respirar.

De chamar em vão teu Nome,
Minha voz sinto cansar,
Nem chamar-te mais eu posso
Já, etc.

Sinto a luz dêstes meus olhos
Pouco a pouco ir-se apagar,
O coração desfalece,
Já, etc.

Mil idéias pavorosas,
Minha mente vem turbar;
Entre sustos e receios,
Já, etc.

Vem as hórridas suspeitas,
Meu tormento acrescentar:
Pungem, ferem, e eu aflito;
Já, etc.

Pesa tanto na minh'alma
O meu contínuo pesar,
Que se não me desafogas,
Já, etc.

Cuidados sôbre cuidados,
Sinto em mim amontoar,
Já não tenho aonde caibam
Já mal posso respirar.

CUMPRIMENTO DO VOTO

CANTIGAS

O Voto que eu fiz a Amor,
Não é um Voto indiscreto,
Hei de cumprir o meu Voto
Eu não falto ao que prometo.

Quando eu prometo ternuras,
Eu ternuras não afeto,
Prometí amar, eu amo,
Eu, etc.

Prometí se não mudasses
Não mudar de amor, e objeto,
Tu mudaste, eu mudei-me,
Eu, etc.

Teme embora o ser julgada,
Por Amor que é Juiz reto,
Êle castiga quem falta,
Eu, etc.

Talvez me deixas por outro
Mais gentil e mais discreto,
Eu igual causa não achio,
Eu, etc.

Do juramento o sentido
A saber não interpreto;
Prometí ser firme, e basta:
Eu não falto ao que prometo.

DIGA O MUNDO O QUE QUIZER

CANTIGAS

Resistir a uns olhos lindos,
Em que amor pôs seu poder;
Eu não posso, ou eu não quero;
Diga o Mundo o que quizer.

Pagar amor com amor,
É um natural dever;
Quero pagar quem me ama,
Diga, etc.

Em quanto amar me quiseres:
Também te quero querer;
Dura entre nós a constância,
Diga, etc.

O Mundo ralha de tudo,
Ora quer, ora não quer ;
Mas eu vou sempre querendo,
Diga, etc.

Amar sem que ralhe o mundo,
Menina, não pode ser,
Mas isso o que importa, amemos,
Diga, etc.

Pobre do mundo, se acaso
O terno amor se perder ;
Por amor é que êle existe,
Diga, etc.

Ralham de vós os que amaram
E chamam crime ao querer
É crime de que gostaram
Diga, etc.

Andar em bocas do mundo,
Só tu me podés fazer ;
Eu porém não me arrependo,
Diga, etc.

Teus olhos a amar me ensinam
Os meus gostam de aprender
A lição continuemos,
Diga, etc.

Esta doce Lei de Amor
 Recebí logo ao nascer;
 Vou cumprindo a Lei que é doce;
 Diga, etc.

CORAÇÃO NÃO GOSTES DELA,
 QUE ELA NÃO GOSTA DE TI

CANTIGAS

Coração, que tens com Lília?
 Desde que seus olhos vi,
 Pulas, e bates no peito,
 Tape tape, tipe ti:

Coração, não gostes dela
 Que ela não gosta de ti.

Quando anda, quando fala
 Quando chora, quando ri,
 Coração, tu não sossegas
 Tape, tape, tipe ti.

Coração, etc.

Já te disse que era d'outro,
 Coração, não te mentí;
 Mas tu, coitado! te assustas,
 Tape tape, tipe ti:

Coração, etc.

Aquele modo risonho
 Não é, nem foi para ti,
 Basta louco e não estejas
 Tape, tape, tipe, ti:

Coração, etc.

Um dia que me afagava,
 Zombava, eu bem percebí,
 Éra por gôstar de ver-te
 Tape tape, tipe ti.

Coração, etc.

Coração, tu não me enganes
 Todo o teu mal vem dalí,
 Tu palpitando te explicas.
 Tape tape, tipe ti.

Coração, etc.

É amável, mas não ama,
 Eu já mesmo to advertí;
 E tu mui néscio teimando,
 Tape tape ,tipe ti.

Coração, etc.

Si tu leres nos seus olhos,
 O que eu com meus olhos li,
 Talvez te não cances tanto,
 Tape tape, tipe ti.

Coração, etc.

O MEU LIVRE CORAÇÃO

CANTIGAS

Já de todo abandonei
De amor a cruel paixão;
Tenho em sossego no peito
O meu livre coração:

Mostro a todos em pedaços
O antigo, e duro grillão;
Tenho em doce liberdade
O meu, etc.

Amor não torna a prender-me,
Que me defende a razão,
A razão é quem ampara
O meu, etc.

Ouçó os gemidos dos outros,
Vejo d'outros a aflição,
Tenho dó, mas tenho livre,
O meu, etc.

Gosto da bela, que é bela,
Quer seja ingrata, que não,
Das ingratas ri, e zomba
O meu, etc.

Escapei das mãos de Amor,
 Dos seus golpes estou são;
 Vivo livre, e em paz respira
 O meu, etc.

A ILUSTRE AMIRA

CANTIGAS

— Na fresca Belas
 Ao som da lira,
 A Ilustre Amira
 Quero eu cantar:

Amira, Amira, Amira
 Ouça o Céu, a Terra, e o Mar.

Com ela as graças
 Sempre passeiam
 Sempre a rodeiam
 Se a vêm parar:

Amira, etc.

Vão as virtudes
 Dados os braços;
 Guiando os passos
 Que ela há de dar:

Amira, etc.

Viçosos campos
De que é Senhora;
Lhe mandou Flora
Alcatifar:

Amira, etc.

Lindas boninas
Plantas viçosas;
Ficam vaidosas
De ela as pisar:

Amira, etc.

A mole relva
Que isto entapiza;
O pé que a piza
Gosta beijar:

Amira, etc.

Vejo dobrar-se
Troncos hirsutos;
Por que ela os frutos
Lhe vá tomar;

Amira, etc.

Freixos erguidos
À coma estendem;
Tanto a defendem
De ao Sol crestar:

Amira, etc.

As Aves mesmo
Tal gôsto inspira,
Que o nome Amira
Lhe ouço cantar:

Amira, etc.

Todos em honra
Da Natureza,
Sua beleza
Devem honrar:

Amira, etc.

A ARMANIA

CANTIGAS

Dizei humanos
Se a Natureza
Melhor beleza
Pode formar?

Armania linda,
Vinde louvar.

Notai a graça
Dos seus cabelos
E os olhos belos
Vêde raiar;

Armania, etc.

A côr das faces
É a da Aurora,
Que um dia cora
Dá luz ao ar:

Armania, etc.

Das graças cofre
A boca linda
Onde Amor inda
Se vai fartar:

Armania, etc.

Orfeu esqueça
Que com o seu canto,
As pedras tanto
Fêz abalar:

Armania, etc.

Sai de uma boca
Tão peregrina,
Voz mais Divina,
Voz singular:

Armania, etc.

Maravilhoso
É seu efeito
Penetra o peito
Sem o rasgar :

Armania, etc.

Torna contente
Quem está triste,
Não lhe resiste
Nenhum pesar :

Armania, etc.

Os seus felizes
Preciosos dias,
Mil alegrias
Têm de nos dar :

Armania, etc.

Pois é a nossa
Felicidade,
A sua idade
Vamos cantar :

Armania, etc.

LERENO MELANCÓLICO

CANTIGAS

Pastoras não me chameis
Para vossa companhia
Que onde eu vou comigo levo
A mortal melancolia.

Coube-me por triste sorte
Eclipsada estrêla ímpia.
Que em meus dias sempre influe
A mortal melancolia.

Logo ao dia de eu nascer
Nesse mesmo infausto dia,
Veio bafejar-me o berço
A mortal melancolia.

Por cima da infeliz choça
Gralha agoreira se ouvia,
Que a meus dias agourava
A mortal melancolia.

No meu inocente rosto
Quem o notava bem via,
Q'em triste côr se marcava,
A mortal melancolia.

Que fiz eu à Natureza
A fortuna eu que faria,
Para inspirar-me tão cedo
A mortal melancolia!

De alegria ouço eu falar
Não sei o que é alegria,
Nunca me deixou sabê-lo
A mortal melancolia.

Se um ano triste se acaba
Triste o outro principia;
Marca as horas, dias, meses,
A mortal melancolia.

Sou forçado a alegre canto;
Faço esforços de alegria,
E oculto no fundo d'alma
A mortal melancolia.

Enxugo o pranto nos olhos,
Obrigo a que a boca ria,
Para disfarçar convosco
A mortal melancolia.

Não quero com meus pesares
Funestar a companhia;
Que é uma peste que lavra
A mortal melancolia.

Se os seus bens me mostra a sorte
Mostramos por zombaria
Porque para mim só guarda
A mortal melancolia.

Sonhei que uma Augusta mão
Venturoso me fazia;
Foi sonho, e fica em verdade
A mortal melancolia.

Fui abranger as ventuias
Que o sonho me oferecia;
E despertei abraçando
A mortal melancolia.

Se um prazer se me dirige
Oculta fôrça o desvia;
Só de mim se não separa
A mortal melancolia.

Ela me vai consumindo
De hora a hora, dia a dia;
Sinto-me ir desfalecendo
Da mortal melancolia.

O sangue vai-se gelando.
O coração se me esfria;
Fica em paz Armênia, eu morro
Da mortal melancolia.

Inda quando o frio corpo
Se envolver na terra fria;
Há de corroer meus ossos
A mortal melancolia.

Se acaso dura a tristeza
Dos Numes na companhia;
Ali mesmo hei de ter na alma
A mortal melancolia.

Sôbre minha sepultura
Que escrevessem queria;
Um Epitáfio em triunfo
A mortal melancolia.

Lereno alegrou os outros.
E nunca teve alegria;
Viveu e morreu nos braços
Da mortal melancolia.

NÃO SE RESISTE A AMOR

CANTIGAS

Empreendeu Amor vencer-me
O meu livre coração,
E eu que tanto resistia
Resistir não pude não.

Estrilho

Quem terás forças
Terá valor
Com que resistam
Ao Deus de Amor.

Não se resiste,
ah! não, não, não.

Resistir ao Deus Cupido
É uma vã presunção,
Eu mesmo que o presumia
Resistir não pude não:

Quem, etc.

Chamo a razão em socorro,
Desampara-me a razão,
Da razão desamparado
Resistir não pude não.

Quem, etc.

Mas não me venceu Cupido
Co'as setas que traz na mão;
Mostou-me uns olhos mui meigos
Resistir não pude não.

Quem, etc.

Vejo o Herói que larga a Clava,
E toma o fuzo na mão;
A quem Hercules se dera
Resistir não pude não.

Quem, etc.

Vi Amor ferir a Jove,
Vi tremer dêle Plutão,
Ao vencedor de altos Numes
Resistir não pude não.

Quem, etc.

Lisonjeiras esperanças
Mostra amor na esquerda mão
Com seus prêmios seduzido
Resistir não pude não.

Quem, etc.

CLAMOR DE LERENO

A Serra de Cintra
Lereno trepava;
E a sua Corila
Vãmente chamava:

Corila, Corila
Vãmente chamava.

Descia dos montes,
Os Vales buscava;
E os gritos saudosos;
E os ais redobrava:

Corila, etc.

A voz de Lereno
C'os ecos tornava;
Em vão que a Pastora
O não escutava:

Corila, etc.

O Zéfiro brando
Q'alí sussurava;
No mesmo sussuro
Lereno assustava:

Corila, etc.

A fonte vizinha
Q'então murmurava;
A voz de Corila
Se lhe assemelhava:

Corila, etc.

O triste Serrano
Em vão se cançava;
Perdia o seu tempo
Seus gritos baldava:

Corila, etc.

Quis, ver se a fortuna
 Se lhe apiedava;
 E a Deusa travessa
 Mais dêle zombava:

Corila, etc.

Tornava a subir
 A descer tornava;
 Se infeliz subia,
 Eu infeliz baixava:

Corila, etc.

ALERTA QUE AMOR FAZ GUERRA

CANTIGAS

Alerta Pastores
 Q'ô Deus de Amor vos faz guerra,
 E vos chama a desafio
 Nos Campos de Salvaterra:

Nos lindos Campos
 De Salvaterra
 Anda Cupido
 Fazendo guerra.

Já solta o Pendão aos ares
 O travesso, o cego Nume,
 E traz por cruéis divisas
 A saudade, e o ciúme:

Nos lindos, etc.

Marcham diante as suspeitas,
 Que são a guarda avançada;
 Que exploram todo o caminho
 Sem darem quartel a nada:

Nos lindos, etc.

Vão os havidos desejos
 Os Rufos amiüdando;
 Seguem a marcha os amores
 Sempre as setas apontando:

Nos lindos, etc.

E quanto os Campos passeiam
 Deixam de morte feridos;
 Sexo, qualidade, estado,
 Não atendem os Cupidos:

Nos lindos, etc.

Vem Armania, a linda Armania
 Q'arrasta troféus de glória;
 Prostam-se a seus olhos todos;
 É dela tôda a vitória:

Nos lindos, etc.

PARTIDA

Tradução e glosa da partença de Metastasio

CANTIGAS

Parto ó Nize, e êste adeus
Não sei se último será;
Ah! quem sabe se Lereno
Inda a ver-te tornará.

Nize, ó Nize, adeus, adeus,
Teu Lereno parte já;
Quem lhe diz por piedade
S'inda a ver-te tornará.

O meu coração pressago
Não sei que anúncio me dá;
Vai Lereno, mas quem sabe
S'inda a ver-te tornará.

Frio susto prende o sangue
Sem que o triste peito vá;
Teu Lereno desconfia
S'inda a ver-te tornará.

Ah! quem sabe se o ciúme
Os meus dias turbará;
E se em braços de outro amante
Inda a ver-te tornará.

Ah! quem sabe linda Nize
Se a saudade o acabará;
Ou se a ela resistindo
Inda a ver-te tornará.

SÔBRE AS AZAS DOS AMORES

Glosa

CANTIGAS DE IMPROVISO

Pois quereis, amigos Vates,
Escutar os meus clamores;
Reparai, como êles giram
Sôbre as azas dos Amores.

Aproveito o privilégio
Dos Pindáricos Cantores;
Já começo a erguer-me às nuvens
Sôbre, etc.

Como a venenosa Serpe
Se esconde entre as lindas flores,
Vôa o engano escondido
Sôbre, etc.

Põe Lesbina os lindos olhos
Nos dos meus competidores,
E as desfeitas vem pungir-me
Sôbre, etc.

Reparai na linda face
Como aviva, ou perde as côres,
Quando os remorsos a buscam
Sôbre, etc.

Deixo enfim na baixa terra
Os receios e os temores:
Vou soltar verdades ternas,
Sôbre, etc.

Lereno, que era o mais livre,
E o mais terno dos Pastores;
Viu fugir a liberdade
Sôbre, etc.

Lesbina, a gentil Lesbina;
Dos olhos encantadores,
Fez voar vivos desejos
Sôbre, etc.

Ah! quem em torno aos olhos lindos!
Que não tem competidores,
Voava a meiga esperança
Sôbre, etc.

De meus males esquecido,
E minhas antigas dores,
Os prazeres me cercavam
Sôbre, etc.

Fugiam meus dias tristes
Trazia o tempo os melhores
O tempo que só marchava
Sôbre, etc.

Ai que meus Fados cruéis,
Sempre meus perseguidores,
Fazem voar as desgraças,
Sôbre, etc.

Por meus suspiros ardentes,
Que levam meus dissabores,
Tornam frios desenganos
Sôbre, etc.

Ah! de Amor não vos fieis
Os inocentos Pastores,
Q'às vezes manda os ciúmes
Sôbre, etc.

Lesbina chamou-se minha,
Deu disto as provas melhores,
Seus votos aos Céus subiam
Sôbre, etc.

Mas o Céu que reconhece,
Que seus votos são traïdores,
Pode mandar-lhe o castigo,
Sôbre, etc.

Onde irás meu coração,
Se aonde quer que tu fores,
Acharás sempre a desgraça,
Sôbre, etc.

Dispara sim bela ingrata
Teus cruentos passadores,
Faze sair a minha alma
Sôbre, etc.

Venturosos meus suspiros,
Meus suspiros voadores,
Se encontram êsses que tornam
Sôbre, etc.

Quando não vejo a teus olhos,
Teus olhos triunfadores,
O teu nome solto aos ares
Sôbre, etc.

Vôa sobre as negras azas
Dos zelos devoradores,
Em quanto outros vão tranquilos,
Sôbre, etc.

E a traidora que assim zomba
Dos meus sentidos clamores,
Manda a outro os seus afagos
Sôbre, etc.

Pastores, morreu Lerenó,
O melhor dos amadores,
Amor o leva em triunfo
Sôbre as azas dos Amores.

AIS

CANTIÇAS

Amor, ai Amor eu morro,
Eu não posso viver mais;
Vão-me consumindo a vida
Os meus repetidos ais:

Amor basta, basta,
Não me firas mais,
Se meus ais desejas,
Aquí tens meus ais:

A minha ingrata despreza
Da minha dor os sinais,
Meus ais lhe dizem que eu amo
Ela não ouve meus ais:

,
Amor, etc.

A minha paixão oculto,
Com medo dos meus rivais,
E solto por desafogo
Medrosos aflitos ais:

Amor, etc.

Por mais que busco em seu rosto
Da compaixão os sinais;
Nem se turba, nem se inclina
Ao triste som dos meus ais:

Amor, etc.

Olhos cruéis, porém lindos,
Que os meus olhos cativais;
Recebei o meu tributo,
O meu tributo são ais:

Amor, etc.

Quando por minha desdita,
Em outros vos empregais,
Corre dos meus triste pranto,
Voam do peito meus ais:

Amor, etc.

Se de ver-me padecer,
Olhos cruéis vós gostais,
Viundo-me a vosso gôsto,
Darei por gôsto meus ais:

Amor, etc.

Ah! poupai-me, olhos cruéis,
 Que a minha vida gastais,
 Eu a sinto pouco a pouco
 Desfazer-se nos meus ais:

Amor, etc.

Se por soberba cruéis
 Teimosos me maltratais;
 Pode amor ainda um dia
 Vingar desprezados ais:

Amor, etc.

Basta cruel, não me queixo,
 Não quero afligir-me mais;
 Irei para muito longe
 Esconder meus tristes ais:

Amor, etc.

A TIRQUEIA

CANTIGAS

Quando solta voz suave
 A lindíssima Tirqueia;
 Na miúda e branca areia
 Vejo o Rio espreguiçar-se;
 Como quem quer demorar-se
 Para a ver, para a escutar:

Tirqueia, Gentil Pastora,
Solta a voz doce e canora
Se nos queres consolar.

Quando solta a voz suave
A lindíssima Tirqueia;
Desassombra a noite feia,
E a triste ave, que gemia,
Cala os gritos de agonia,
Nem se escuta mais piar:

Tirqueia, etc.

Quando solta a voz suave
A lindíssima Tirqueia,
Mudo o Zéfiro passeia,
Entre as plantas, entre as flores,
Nem co'os vôos rugidores
Quer seu canto perturbar:

Tirqueia, etc.

Quando solta a voz suave
A lindíssima Tirqueia
Lindo enxame alí zumbeia,
E no ar, que ela adoçara,
Bebe a essência, que prepara
Para novo mel formar:

Tirqueia, etc.

Quando solta a voz suave
A lindíssima Tirqueia,
Triste Ninfa, que vozeia
Dos cavados montes secos,
Torna alegres os seus ecos
Q'essa voz faz adoçar :

Tirqueia, etc.

Quando solta a voz suave
A lindíssima Tirqueia,
Filomea não gorgeia,
Mas absorta em meigo pranto
Ouve muda o caro canto,
Que ao depois quer imitar :

Tirqueia, etc.

Quando solta a voz suave
A lindíssima Tirqueia,
Terno Amor, que ali volteia,
Larga as setas, tanto usadas,
E co'as vozes delicadas
Vai o mundo sujeitar.

Tirqueia, etc.

Quando solta a voz suave
A lindíssima Tirqueia,
Desce à nossa triste Aldeia
A suavíssima alegria,
Que nas azas da harmonia
Vem a todos consolar:

Tirqueia, etc.

A MINHA AMANTE PAIXÃO

CANTIGAS

Hei-de oferecer a Amor,
Minha humilde petição;
Esperando um como pede
A minha amante paixão.

Hei-de pedir-lhe que veja
A quem dei meu coração;
Q' em a vendo, logo aprova
A minha amante paixão.

Nunca Amor viu iguais olhos
Rosto igual nunca viu não;
Nem verá paixão que iguale
A minha amante paixão.

Que os meus suspiros guiando
Lhe penetra o coração;
De modo que a entorneça
A minha amante paixão.

Mostre-lhe os vivos desejos
Que com meus suspiros vão;
E com minha saudade
A minha amante paixão.

O meu bem compadecida
Da minha terna aflição,
Com igual paixão me pague
A minha amante paixão.

Aos que vão de Amor ao Templo
Serei exemplo, e lição;
Sirva aos outros de modelo,
A minha amante paixão.

Muitos amam com locura,
Eu de amar tenho razão;
Que tem mil razões amáveis
A minha amante paixão.

Não terás nas tuas aras,
Uma mais digna oblação;
Se unes à sua constância
A minha amante paixão.

Coroa a minha fé pura,
Não deixes que eu ame em vão;
Que bem merece os teus prêmios
A minha amante paixão.

Em torno dos teus altares
Os meus Hinos voarão;
Ternos Hinos, que te envia
A minha amante paixão.

Por honra do teu poder
Não me desampares não,
Olha, Amor, que te acredita
A minha amante paixão.

NADA DE SAUDADES

CANTIGAS

Amor, eu venho pedir-te
Um favor, por piedade:
Dá-me dos teus males todos,
Mas nunca me dês saudades.

Amor, eu viver não posso
Dividido em a-metade;
Junto a meu bem sofro tudo
Mas nunca me dês saudade.

Amor, se provar quizeres
Minha fé, minha lealdade;
Dá-me suspeitas, ciúmes,
Mas nunca me dê saudade.

Amor, dos teus males todos
Constante sofro a maldade;
Mas com saudades desmaio
E nunca me dê saudade.

Amor, os olhos que eu amo
Tem de meus olhos piedade;
Se os não vejo não me acodem,
Ai! nunca me dão saudade.

Amor, ajustemos hoje,
Cumpre em mim tua vontade;
Mas não me negues ver Lília,
E nunca me dê saudade.

Amor os teus males juntos,
São de uma ausência metade;
Alí há suspeitas, zelos,
Ah! nunca me dê saüdades.

Amor, eu te sirvo ha muito,
Sempre de boa vontade,
Não te falo em pagamento,
Mas nunca me dê saudade.

E ENTÃO

CANTIGAS

Alzira formosa,
Desgraça foi ver-te,
Seguiu-se o render-te
O meu coração.

Amor de render-me
Achou o motivo,
Eu já sou cativo,
Eu amo, e então?

Então?

Ao ver os teus olhos
Tão vivos, e belos,
Eu tenho de vê-los
Maior ambição

Por mais que eu os veja
Não farto a vontade;
Eu tenho saüdade;
Eu amo, e então?

Então?

Se a outrem voltada
Tu fazes carinhos,
Ciúmes daninhos
Ferindo-me estão:

Mais triste me sinto
Do que se presume
Já tenho ciúme;
Eu amo; e então?
Então?

Às vezes eu finjo
Os bens que eu mais quero;
Fingindo eu espero,
Que os bens chegarão

Vendo a tempestade
Espero a bonança
Já tenho esperança
Eu amo; e então?
Então?

Eu sinto nesta alma
Uma cousa nova,
Não tinha inda prova
Da doce paixão.

Do que outros diziam
 Eu provo a verdade.
 Isto é novidade,
 Eu amo; e então?
 Então?

APANHE PARA O SEU ENSINO

CANTIGAS

Tenho ainda um coração
 Qual já não devera ter;
 Pois não querendo o que eu quero
 Quer só tudo o que ele quer:

Hei de castigá-lo;
 Há-de lhe doer:
 Dar-lhe-ei pancadas
 Para a prender:

Apenas vê lindos rostos
 Logo se lhe vai render:
 Não quer o que a razão manda,
 Quer só tudo o que êle quer:

Hei-de, etc.

Vê as barbas do vizinho,
Do ciúme em fogo arder,
As suas não põem de mólho
Quer só tudo o que êle quer :

Hei-de, etc.

Não quer, quando é necessário,
Ocultar o seu prazer ;
Diz nos olhos quanto sente,
Quer só tudo o que êle quer .

Hei-de, etc.

Digo às vêzes que não ame
Que não há-de amado ser ;
O teimoso não me escuta,
Quer só tudo o que êle quer ;

Hei-de, etc.

Se é preciso contentar-se
Com metade do prazer,
Não o contentam metades,
Quer só tudo o que êle quer .

Hei-de, etc.

Ha mil destes corações,
 Diga o mundo o que disser;
 Quem ama não quer conselhos,
 Quer só tudo o que êle quer:

Hei-de, etc.

CHORO A MINHA DESVENTURA

Glosa

CANTIGAS

Do meu triste amargo pranto,
 Quem razão saber procura,
 Saiba que sou desgraçado,
 Choro a minha desventura.

Desgraçado desde o berço,
 Serei té à sepultura;
 Pois assim o quis meu Fado,
 Choro, etc.

A minha alma desgraçada,
 Em vão socorros procura;
 Ninguém pode socorrer-me.
 Choro, etc.

Tenho, por maior desgraça,
Uma alma dada à ternura;
Serei infeliz amando,
Choro, etc.

Não posso esperar favor
Da adorada formosura;
Devo amar sem ser amado,
Choro, etc.

A que me jurou amar,
Por fôrça há-de ser perjura;
Assim o quer o meu Fado,
Choro, etc.

Não posso lisonjear-me
De esperar uma figura;
Negam-me até a esperança
Choro, etc.

A torrente do meu pranto
Tem uma horrível mistura;
Entre saudades e zelos,
Choro, etc.

Deve durar meu tormento,
Em quanto a vida me dura;
Saibam que onde quer que eu viva,
Choro, etc.

QUEIXAS A AMOR

CANTIGAS

Venho Amor de ti queixar-me
Ouve que eu tenho razão;
Principio por mostrar-te
Qual eu tenho o coração.

Isto Amor não é bem feito
Não é bem feito, não.

As doçuras prometidas
Esperei, traidor, em vão.
Dize, se acaso êstes golpes
As tuas doçuras são?

Isto, etc.

Minha doce liberdade
Puseste em alheia mão;
E a preço de vãs promessas,
Cativaste o coração:

Isto, etc.

Onde estão os teus prazeres?
Dize, cruel, onde estão?
Sobre ciúmes, saudades,
Êstes vêm, quando essas vão;

Isto, etc.

De prazeres assaltado
Não tenho sossêgo, não;
E apenas vem, logo foge
A escassa consolação;

Isto, etc.

Fazes da cruel Ulina
Travessa repartição!
Eu tenho as doces promessas;
Outro goza o coração:

Isto, etc.

Eu tão preso, ela tão solta;
Ouve a minha petição:
Eu me una mais a Ulina
Ou me quebra este grillhão:

Isto, etc.

AONDE ESTÁ O MEU BEM

CANTIGAS

O meu coração palpita
Contínuos pulos me dá:
Êle pergunta inquieto
Aonde o meu bem está:

E onde está o meu bem?

Ao depois que eu não sei dela
Também de mim não sei já;
Voa amor, e vai saber
Aonde o meu bem está;

E onde, etc.

Ô caminho que ela pisa
Aspro. caminho será
Vai amor espalhar flores
Aonde o meu bem está.

E onde, etc.

O sol c'os ardentes raios
A terra alí queimará;
Vai amor cobrir c'o as asas
Aonde meu bem está

E onde, etc.

Pelas desertas campinas
O meu bem se assustará;
Leva esta alma destemida
Aonde o meu bem está:

E onde, etc.

De quem por ela suspira
Talvez não se lembrará;
Leva amor os meus suspiros
Aonde meu bem está:

E onde, etc.

A triste Melancolia
Tristemente a seguirá;
Leva amor doces prazeres
Aonde meu bem está:

E onde, etc.

Que tempo estarei sem vê-la!
 Dize, amor, quanto será;
 Traze o meu bem, ou me leva
 Aonde o meu bem está:

E onde, etc.

BEMFICA

CANTIGAS

Viçosa Bemfica
 Fez-te a Natureza;
 Abrigo à saúde
 Morada à beleza:

Não há não há
 Terra mais rica
 Todos te invejam
 Viçosa Bemfica.

As outras Aldeias
 Já clamam raivosas;
 Que tu lhes roubaste
 As Ninfas formosas:

Não, etc.

Elas te enriquecem
 Quem te honra são elas;
 E tôdas te chamam
 O País das belas:

Não, etc.

Já deixa Citera
 E Pafos, e Gnido;
 E faz em Bemfica
 Morada Cupido:

Não, etc.

Pastoras, cautela;
 Cautela, Pastores,
 Que está nestes campos
 O Deus dos Amores:

Não, etc.

Dum lado a outro lado
 Travesso êle gira;
 Mas reinam nos olhos
 Da minha Belmira.

Não, etc.

Quando ela passeia
 Passeia com ela.
 Rendendo aos que encontra,
 Que chegam a vê-la:

Não, etc.

Dalí nos sujeita
 A livre vontade;
 E a preços de gostos
 Compra a liberdade:

Não, etc.

Ferindo não poupa
 Pastora, ou Pastor ;
 Ciúme, e Esperança
 São armas de Amor:

Não, etc.

Retinem contínuos
 Os sons das cadeias
 Por estas Aldeias
 Que estão derredor:

Não, etc.

O Numem terrível
 Vaidoso se explica;
 Que funda em Benfica
 Seu Templo melhor:

Não, etc.

Mas esses despojos
 Triunfo de amor
 Aos pés de Belmira
 Sempre êle os vem pôr;

Não, etc.

AOS ANOS DA LINDA MÁRCIA

CANTIGAS

Vinde Graças, vinde Amores
 Cortejar a Márcia linda;
 Amor chama, Amor vos brinda
 A seus anos festejar.

Estribilho

Nasceu Márcia linda Márcia
 Seu nome vamos cantar

Traz os Risos, e os Prazeres
Companheiros da alegria,
E a memória deste dia
Quer cantando eternizar.

Nasceu Marcia, etc.

Não tem setas, não tem arco,
Nem aos ombros tem aljava,
Nem a gente, sua escrava
Quer gemidos escutar.

Nasceu Marcia, etc.

Tristes ais, suspiros tristes
Nos seus antros aferrolha;
Só de gostos nova escolha
Vem ao mundo hoje espalhar.

Nasceu Marcia, etc.

Não quer hoje ouvir Cupido
Tristes mágoas rouco pranto;
E ensaiou um novo canto
Para Márcia celebrar.

Nasceu Marcia, etc.

Dos seus olhos engraçados
Sempre vivos, sempre belos;
Vás suspeitas, duros zelos
Ele cuida de afastar.

Nasceu Marcia, etc.

Tem na sua luz suave
Lisonjeiras esperanças
Mostra a paz, mostra as bonanças
Para a terra, e para o mar.

Nasceu Marcia, etc.

Êste dia, alegre, dia
Deve ser por nós cantado,
Sempre assim por nós lembrado
Há-de o Tejo e o mundo honrar.

Nasceu Marcia, etc.

Venturosos os Pastores
De quem Márcia é linda filha,
Se lhe coube isto em partilha
Não tem mais que desejar.

Nasceu Marcia, etc.

Guarde o Céu seus belos dias,
 E vigie a sua idade,
 Sem haver felicidade
 Que precise suplicar.

Nasceu Marcia, etc.

Guarde amor sua alma bela
 Para quem mereça tanto,
 Que no laço justo e santo
 Himineu a venha atar.

Nasceu Marcia, etc.

Dos viçosos tenros anos
 Sobre amor fogo de idade,
 E ajudado da amizade
 Saiba os restos bafejar.

Nasceu Marcia, etc.

ASSIM COMO FAI FAI

CANTIGAS

Hei de amar-te si me amares;
 Querer-te se me quiseres,
 Deixar-te-ei se me deixares
 Farei o que tu fizeres

Estrilho

Farei, farei... que hei-de fazer :
Farei o que tu fizeres

Se gostares dos mais homens
Gostarei das mais mulheres ;
Hei-de seguir o teu gôsto
Farei o que tu fizeres

Farei, farei, etc.

Se ternura não mostrares
Mais ternuras não esperes,
Serei cruel se tu fores,
Farei o que tu fizeres,

Farei, farei, etc.

Se os meus prazeres tu fazes
Eu farei os teus prazeres,
Se te enfadas, eu me enfado,
Farei o que tu fizeres.

Farei, farei, etc.

Êste amor é um contrato,
Quero enquanto tu me queres ;
Se me deixas também deixo,
Farei o que tu fizeres,

Farei, farei, etc.

Mas, menina, eu serei firme
 Se tu firme ser souberes,
 Seguirei sempre os teus passos,
 Farei o que tu fizeres.

Farei, farei, etc.

NÃO SE MORRE DE SAUDADE

CANTIGAS

Ouví Pastoras ouvi-me,
 Que eu declaro uma verdade:
 Os vossos amantes mentem,
 Não se morre de saudade.

Estrilho

Se de saudade alguém morrera
 Pobre Lereno já não vivera.

É verdade que se vive
 Dividido em a-metade;
 Mas vivendo meia vida,
 Não se morre de saudade.

Se de saudade, etc.

Dizem que a saudade mata
Pela sua crueldade;
Mas como a esperança anima,
Não se morre de saudade.

Se de saudade, etc.

Vive-se quase morrendo,
Nem há-de viver vontade;
Mais quase morto vivendo,
Não se morre de saudade.

Se de saudade, etc.

Ameaça a crua morte
Com muita variedade
Vive-se sempre em perigo
Não se morre de saudade.

Se de saudade, etc.

Em contínuo sofrimento
Há contínua raridade,
Vivendo em quem se deseja,
Não se morre de saudade.

Se de saudade, etc.

É por própria experiência,
Que eu conheço esta verdade,
Se eu vivo sem ver Belmira,
Não se morre de saudade.

Se de saudade, etc.

NÃO TEM MAIS QUE PERGUNTAR

CANTIGAS

Quem me ouvir a suspirar
Não me pergunte porquê;
Se o meu bem aquí não vê,
Não tem mais que perguntar.

Estrilho

Ah! quem me ouvir a suspirar
Saiba que eu amo,
Não tem mais que perguntar.

Quem acaso me encontrar
Caminhando ao meu retiro,
Oíça o nome que eu suspiro,
Não tem mais que perguntar.

Ah! quem, etc.

Se alguém quer adivinhar,
Quem meu coração governa,
Fixe a vista em Márcia terna,
Não tem mais que perguntar.

Ah! quem, etc.

Se a Filomea parar
 O seu suave reclamo
 É que canta, quem eu amo,
 Não tem mais que perguntar

Ah! quem, etc.

Quem nossas Ninfas notar
 Entre as belas, a mais bela,
 Não duvide, é ela, é ela,
 Não tem mais que perguntar.

Ah! quem, etc.

Quem me vir sempre afastar
 Dos meus amigos Pastores,
 É que busco os meus amores,
 Não tem mais que perguntar.

Ah! quem, etc

TRISTE LERENO

CANTIGAS

Triste Lereno
 Perde o seu gado,
 Sofre esta perda
 Firme e calado

Estrilho

Porém não pode
Sofrer, coitado!
O perder Lília,
Seu bem amado.

Tem-lhe a seara
O Sol crestado,
E a nova perda
Viu sem enfado.

Porém, etc.

Ventos lhe arrancam
O olmo estimado,
Êle sem sossego
O tem notado

Porém, etc.

Quantas desgraças
Lhe manda o Fado:
Sofre sem nunca
Ter murmurado.

Porém, etc.

Éra prudente,
Era calado,
Nem um gemido
Tinha soltado.

Porém, etc.

Hoje com vozes
Sobressaltado
Grita Lerenó
Desassizado

Estribillo

Porque não póde
Sofrer calado, etc.

Saibam os outros
Quem tem amado,
Ele o confessa
Que é desgraçado,

Porque, etc.

Bosques, Searas,
Choupana e Gado
Davam-lhe sempre
Menos cuidado.

Porque, etc.

Pode um menino
Cego e vendado,
O seu segrêdo
Tornar baldado?

Porque, etc.

Seja um exemplo
De um desgraçado,
Lição aos outros
Do mesmo estado

Porque, etc.

TOCA A RECOLHER PARA A CIDADE,
BANDO DE AMOR

CANTIGAS

Sentido, terno Amantes
Ouví os rufos de Amor;
Escutai seu novo bando,
Seguiu-o é vosso senhor .

Estribillo

Agora que os Campos perdem
Sua alegre amenidade,
Correi todos à Cidade,
Que ali se recolhe Amor.

Ajunta os ferros perdidos
Das desperdiçadas setas,
E faz das hastes vaquetas
Com que bate o seu tambor.

Agora que os Campos perdem, etc.

Feriu brincando nos Campos
Doces feridas ligeiras
Agora acende as fogueiras,
Que lhe aproveitem melhor

Agora que os Campos perdem, etc.

Entre a viva labareda
Seu fogo oculto mistura,
Fogo, que inspira ternura
À bela, e seu amador.

Agora que os Campos perdem, etc.

É uma salva a beleza
Quando nas brasas estoira,
A lisa rebordã loira
Que a seus pés se lhes vai por.

Agora que os Campos perdem, etc.

Baco espumante apparece
Ajudante de Cupido,
E ali nos tem prevenido
O seu mágico licor.

Agora que os Campos perdem, etc.

Com a divinal bebida
Faz voar risos galantes,
E afugenta dos Amantes
O incômodo pudor.

Agora que os Campos perdem, etc.

Vem a travêssa Contradaças
Precedidas d'alegria,
Zombar da estação, que fria
A Campina faz horror.

Agora que os Campos perdem, etc.

Suas voltas estudadas,
Quando alí vos baralhais,
Vos aperta muito mais
Em cadeias só de Amor.

Agora que os Campos perdem, etc.

Não sintais perder por ora
Bosque ameno, e calador,
Vinde ao tempo acomodar-vos,
Que isto foi sempre o melhor.

Agora que os Campos perdem, etc.

NÃO HÁ REMÉDIO SENÃO MORRER

Glosa improviso

Eu venho achar os pesares
Onde os mais acham prazer;
Amor que dá vida a todos,
Só a mim me faz morrer.

Estribilho

Amor, que pode
Não quer valer,
Não há remédio
Se não morrer.

Mostrou-me os olhos de Lilia,
Fêz-me o lindo rosto ver;
Bebí nesta vista a morte,
Morro porque Amor o quer.

Amor que pode, etc.

Ao volver dos olhos belos,
Sinto o coração bater;
São mortais ânsias que eu sinto,
Eu já me sinto morrer.

Amor que pode, etc.

Tirana, mata com máguas,
Meiga, mata com prazer;
Morro de amores por ela,
Até gosto de morrer.

Amor que pode, etc.

Só temo na minha morte
O desgosto de a perder;
Fique-lhe ao menos minha alma
Q'alma não pode morrer.

Amor que pode, etc.

Se com desgostos me mata,
Com gosto faz reviver,
Peor não perder êste gosto,
Gosto mesmo de morrer.

Amor que pode, etc.

Zombem os livres mortais
Do meu triste padecer.
Que eu não troco a sua vida
Por tão gostoso morrer.

Amor que pode, etc.

Ah! Lília formosa Lília,
Cumpra-se em mim teu prazer;
Se queres matar-me, mata-me,
Que eu por ti quero morrer.

Amor que pode, etc.

AMOR QUE PODE ME QUIS VALER

CANTIGAS

A teus olhos, lindos olhos,
Eu me sinto reviver,
Êles me dão vida nova
Se me fizeram morrer

Estribilho

Amor que pode
Me quis valer.
Já não sou morto.
Torno a viver.

Meu coração já quieto
Torna de novo a bater,
Tinha de todo esfriado,
Sinto de novo aquecer.

Amor que pode, etc.

A luz viva dos teus olhos
Se aviva antigo prazer;
Vejo fugir a saudade,
Que me faz arrefecer.

Amor que pode, etc.

As murchas flores do campo
Já vejo reverdecer,
Dão-lhe outra vida teus olhos,
Que a mim me fazem viver.

Amor, etc.

Um Amante morre e vive
Como o piedoso Amor quer;
Quis-me morto, morri logo;
Quer-me vivo, eu vou viver.

Amor, etc.

Esta vida é de teus olhos,
De teus olhos devo eu ser;
Em quanto êles me afagarem,
Eu já não devo morrer.

Amor, etc.

Não tornes mais a matar-me,
Deixa o teu cruel prazer..
Porque duas vêzes morto
Não poderei reviver.

Amor, etc.

E para ti minha vida,
Em quanto eu vida tiver
Não queiras que a vida eu perca
Que também vens a perder

Amor, etc.

Este milagre de Amor
Deixa em mim aparecer;
É prodígio que te honra,
Também mostra o teu poder.

Amor, etc.

Talvez não entendam outros,
O que me ouvirem dizer;
É linguagem da minha alma,
Que tú só deves saber.

Amor, etc.

Ajusta ser sempre minha,
Que eu sempre teu hei de ser;
Une a tua à minha vida,
Custe dobrado o morrer.

Amor, etc.

Mas, meu bem, haja silêncio,
Não possa alguém perceber,
Que até faz inveja aos outros
Ver-me por ti reviver.

Amor, etc.

A. B. C. DE AMOR

Uma Menina
Quer, que eu lhe dê
Lições de Amores
Por A. B. C.

A. — É amante
Não ardilosa:

B. — É benigna,
Não buliçosa:

C. — É constante
Não curiosa:

*Tome, Menina,
Lição gostosa*

Uma, etc.

D. — Delicada,
Não desdenhosa;

E. — Engraçada,
Não enganosa;

- F. — Fiel,
 Não furiosa
Tome, Menina,
Lição gostosa
 Uma, etc.
- G. — É galante,
 Mas não gulosa ;
- I. — É ser justa,
 Não invejosa ;
- L. — Leal.
 Não lacrimosa
Tome, Menina,
Lição gostosa
 Uma, etc.
- M. — É ser meiga
 Não mentirosa ;
- N. — Andar nedia,
 Não nojosa ;
- O. — Obediente,
 Nunca orgulhosa
Tome, Menina,
Lição gostosa
 Uma, etc.
- P. — É prudente
 Não preguiçosa

Q. — É quieta
Nada queixosa

R. — Risonha,
Não rigorosa
Tome, Menina,
Lição gostosa

Uma, etc.

S. — É sincera,
Não suspeitosa

T. — É ser terna
Nunca teimosa,

V. — Verdadeira,
Nada vaidosa,
Tome, Menina,
Lição gostosa

Uma, etc.

X. — Xocarreira,
Pouco xorosa;

Z. — Zombadeira
Pouco zelosa
Tome, menina
Lição gostosa

Uma, etc.

Depois d'as Letras
Bem decorar,
Quer, que eu lh'ensine
A soletrar?
Tome sentido
Vá devagar
A, m, a, r
Soletre *amar*

Quero ensiná-la
Tim por tim tim;
E lições dar-lhe
Até o fim:
Olhe, Menina,
Bem para mim,
S, i, m,
Diga-me *sim*

Mas se lhe fala
Um manganão;
Então há outra
Nova lição:
A mão levante
Dê bofetão;
N, ã, o.
Diga-lhe *não*.

TER AMOR NÃO É DEFEITO

CANTIGAS

Desafoga pelas vozes
A paixão, que oprime o peito,
Não te envergonhe a verdade,
Ter amor não é defeito.

Aceita de amor cadeias.
Do modo que eu as aceito,
Os ferros de amor dão honra,
Ter amor não é defeito

Com amor não há fugir-lhe,
Nem por fôrça, nem por jeito
Que importa amar e servi-lo?
Ter amor não é defeito.

É Glória amar um semblante,
Tão gentil e tão perfeito ;
Se é sem defeito o motivo,
Ter amor não é defeito.

Belisa, gentil Belisa,
Eu te adoro, eu te respeito,
Não me castigues por isso
Ter amor não é defeito.

Em contemplar os teus olhos
O dia, e noite aproveito
Contemplar é ação d'alma,
Ter amor não é defeito.

Eu acordo em ti cuidando,
Em ti cuidando me deito,
Não é defeito o cuidado,
Ter amor não é defeito.

Aos homens a natureza,
Impôs de amor o preceito,
O defeito está no modo,
Ter amor não é defeito.

DECLARAÇÃO DE LERENO

Queres, que eu diga,
Cara, o meu nome
Cara inimiga,
Eu to direi.

Eu sou Lereno
De baixo estado,
Choça nem gado
Dar poderei.

Mas se tu queres
Melhor morada,
Vem minha amada,
Que eu ta darei.

Entra em minha alma,
Entra em segrêdo,
Contente, e ledô
Te adorarei.

MODAS DAS CALDAS

Ai de mim, que estou perdido,
De mim mesmo, tenho horror;
Curei o meu mal antigo,
Porém temo um mal maior.

Que sinto nas águas?
Tão grande calor!
É que Amor é fogo
E aquí vive Amor.

Sinto dentro do meu peito
Um motim perturbador,
Sem saber o seu motivo
Cada vez se faz maior.

Que sinto, etc.

Vai lavrando veia em veia
 Um fogo devorador,
 Nunca ergue viva chama,
 Mas consome em seu calor.

Que sinto, etc.

De um mal que eu não conheço,
 Uma dor que não é dor,
 Os sinais não são de morte
 Seu efeito ind' é pior.

Que sinto, etc.

E um certo frenezi
 Seja o motivo qual for,
 Que me faz perder sizo,
 E a razão me faz transpor.

Que sinto, etc.

Faz, que o gesto de Marília
 Com poder encantador,
 Me torne de um homem livre
 Seu Escravo Adulador.

Que sinto, etc.

Agora já sei por prova,
 O de que eu fui zombador,
 Já sei que Amor pode muito,
 O meu mal é todo Amor.

Que sinto, etc.

AMOR GENEROSO

CANTIGAS

Sê mais venturosa,
Meu bem, chego a ver-te,
O mal de perder-te
Se torna em um bem.
A Amor agradeço
Que assim te procura
Em outro a ventura
Que em mim não a tem.

O mal de perder-te
Se torna em um bem.

Talvez não me ache
Amor companheiro,
Serei o primeiro
Que saiba amar bem.
Os outros só querem
Do seu bem a posse,
Eu acho mais doce
O bem do meu bem.

O mal, etc.

Contigo vaidoso
De Amor vou ao Templo,
Servir de um exemplo
Que o mundo não tem.
Abraço sem raiva
Meu próprio rival
E estimo o meu mal
Porque é o teu bem.

O mal, etc.

Não sigo dos zelos
A triste loucura
E é tua ventura
A que me convém.
É minha paixão
Mais justa e mais forte,
Que faz tua sorte
A minha também.

O mal, etc.

Mas leva a minh'alma,
Não ma restituas,
Pois qu'inda a possuas
Assim nos convém.
Não só porque o gôsto
Tem de acompanhar-te,
Mas para ensinar-te
A amares mais bem.

O mal, etc.

OUTRAS A MESMA SOLFA

CANTIGAS

Se ainda não sabes,
Meu bem, que és meu bem,
Pergunta aos teus olhos,
O que nos meus vêm.
Eu guardo segredo
Segredo convém,
Dorila o que eu sinto.
Não digo a ninguém.

Ah! sabe Dorila
Que és todo o meu bem.

Razão e respeito
A voz me sustém,
E os ais receosos
Vão mudos, e vêm.
Mas podem teus olhos
Que a êles convém,
Nos meus achar quanto
Meu coração tem.

Ah! etc.

Os ternos Amores
Meu pranto escutando,
Em tórno voando
Aquí se detêm.
E os ais, que se quebram
Nestes troncos secos,
Os levam aos ecos,
Que os tornam também:

Ah! etc.

GUERRA DE AMOR

CANTIGAS

As Armas, Amor,
Amor, haja guerra,
Que já do teu nome
Se zomba na terra.

E se já tens gasto
Os teus passadores,
Elfina te empreste
Olhos vencedores.

Não haja mais livre
Um só coração,
Vai banir do mundo
A fria izeção.

E, se, etc.

Do sangue dos Impios
O chão seja tinto,
E sintam os outros
O mesmo que eu sinto.

E, se, etc.

Os que blasfemaram
Q'expiem seus erros,
Humildes rojando
Os teus duros ferros.

E se, etc.

Ressoem seus ais
Nas côncavas grutas,
Nem tenham rebeldes
As faces enxutas.

E se, etc.

Seus pés e seus pulsos
Teus laços enleiam
E as frias entranhas
Por ti se afogueiam.

E se, etc.

Confessem sentindo
Arder o teu lume,
Que devem guardar-te
Respeitos de Nume.

E se, etc.

Pois zombam de ver-me
Escravo de Enfina,
Povôa de Escravos
A vasta campina,

E se, etc.

Não haja Pastora,
Não haja Pastor,
Que zombe um momento
Do nome de Amor.

E se, etc.

De Elfina o triunfo
De Amor glória seja,
E uns morram de amores,
E outros de inveja.

E se, etc.

NÃO O SAIBA NINGUÉM MAIS

Lindos olhos engraçados,
Que a ter amor me ensinai,
Isto, que de vós aprendo,
Não o saiba ninguém mais.

Lindos olhos engraçados,
Se eu vos vejo entre rivais,
O ciúme que então sinto,
Não o saiba ninguém mais.

Lindos olhos engraçados,
Que os meus olhos cativai,
Este novo cativo
Não o saiba ninguém mais.

Lindos olhos engraçados,
Quando vós me desprezai,
Vou calando, o mal que sinto,
Não o saiba ninguém mais.

Lindos olhos engraçados,
Que ciúme a outros dais
Basta que me contenteis
Não o saiba ninguém mais

Lindos olhos engraçados,
Lindos olhos divinais,
Sabei só que eu vos adoro,
Não o saiba ninguém mais.

Lindos olhos engraçados,
Sois vós só quem me matais,
Morrerei, mas em segrêdo,
Não o saiba ninguém mais.

Lindos olhos engraçados,
Muitas vêzes me assustais,
Mas a causa do meu susto
Não a saiba ninguém mais.

RETRATO DA MINHA LINDA PASTORA

Verdes campos, fonte fria,
Fundo vale, altos rochedos,
De quem amantes segredos
Lereno aflito confia.

Troncos duros, e frondosos,
Tenras plantas, e florentes,
Vêde as lágrimas pendentes
D'uns olhos tristes olhos saudosos,

Vós nodosas carvalheiras,
Murtas desta densa mata,
Que no mal que me maltrata
Tendes sido companheiras.

Se algum dia conhecesseis
A minha linda Pastora,
Da minha saudade agora
Talvez vos compadecesseis

Lá no vale que ela habita,
Que é daqui muito distante,
Não há outra mais galante.
Mais discreta, e mais bonita.

Seus cabelos enlaçados
Nos lindíssimos listões,
Tem preso mais corações,
Do que fios tem atados:

São seus olhos matadores ,
Depois da testa engraçada,
A belíssima morada
Das graças e dos Amores.

Engraçada por morena,
Tem redonda a face bela ;
Não há boca como aquela,
Nem melhor, nem mais pequena.

Mostra em riso moderado
Belos, lisos e alvos dentes,
De que as flexas são que as Gentes
Vem vibrar o Deus vendado.

Da lindíssima garganta
Coluna qu'isto segura,
Sae a vóz, suave e pura,
Que recreia, e que m'encanta.

No seu seio, que o pudor
Encobre sempre excessivo.
Eu bem vejo cheio o arquivo
Dos mimosos bens do Amor.

Dos fornidos ombros pendem,
Lizos braços torneados,
Onde os meus ternos cuidados
Achar seu prêmio pertendem.

São as mãos também morenas
As que à graça aumento dão;
As validas de Amor são
Podem tanto tão pequenas.

A cintura delicada
Põe mil graças em aperto,
E o amante mais experto
Para alí, não vê mais nada.

Se ela deve ser julgada
Só pelo que se diviza,
O que mostra a guardapiza
Pouco é, ou quasi nada.

São uns pés à proporção
Do seu corpo delicado,
Que não tem inda provado
De Amor o duro grilhão.

Tal é essa, que retrata
Meu amor, que ver desejo;
Do melhor vale do Tejo
A mais bela, a mais ingrata.

Chorando intento fazê-la
Compassiva à minha mágua,
Dura a pedra é, e a água
Chega um dia a amolecê-la.

ADEUS A LÍVIA

Ouví ó campos
Ouví, ó Ceus
Quanto me custa
Dizer Adeus.

Eu vou-me, eu parto
Dizendo Adeus

Bosques, que ouvisteis
Segredos meus,
De vos me aparto,
Adeus, Adeus,

Eu, etc.

Os meus gemidos
Subam aos Céus
Oçam os Numes
O meu terno Adeus.

Eu, etc.

Rotos do pejo
Os densos véus
Mostro o meu pranto
Dizendo Adeus.

Eu, etc.

Olhos senhores
Dos olhos meus,
Vede que eu triste
Vos digo Adeus.

Eu, etc.

Molha a saudade
Os olhos meus,
Enquanto a boca
Repete Adeus.

Eu, etc.

Cortam soluços
Os gritos meus,
E sae partido
Meu triste adeus.

Eu, etc.

Ajunta Livia
Clamores seus
E sai d'entre ambos
Um terno Adeus.

Eu, etc.

Custa a ver triste
Os olhos seus,
E a boca linda
Dizendo adeus.

Eu, etc.

Bosque amoroso.
Nos troncos teus
Fique o meu nome,
E o meu Adeus.

Eu, etc.

A triste Eco
Nos gritos seus
Repita sempre,
Adeus, Adeus.

Eu, etc.

Lembro Lerenó,
E estes ais seus,
Que triste solta
Dizendo Adeus.

Eu, etc.

São derradeiros
Suspiros meus,
Basta, não posso
Dizer Adeus.

Eu vou-me, eu parto,
Adeus, Adeus.

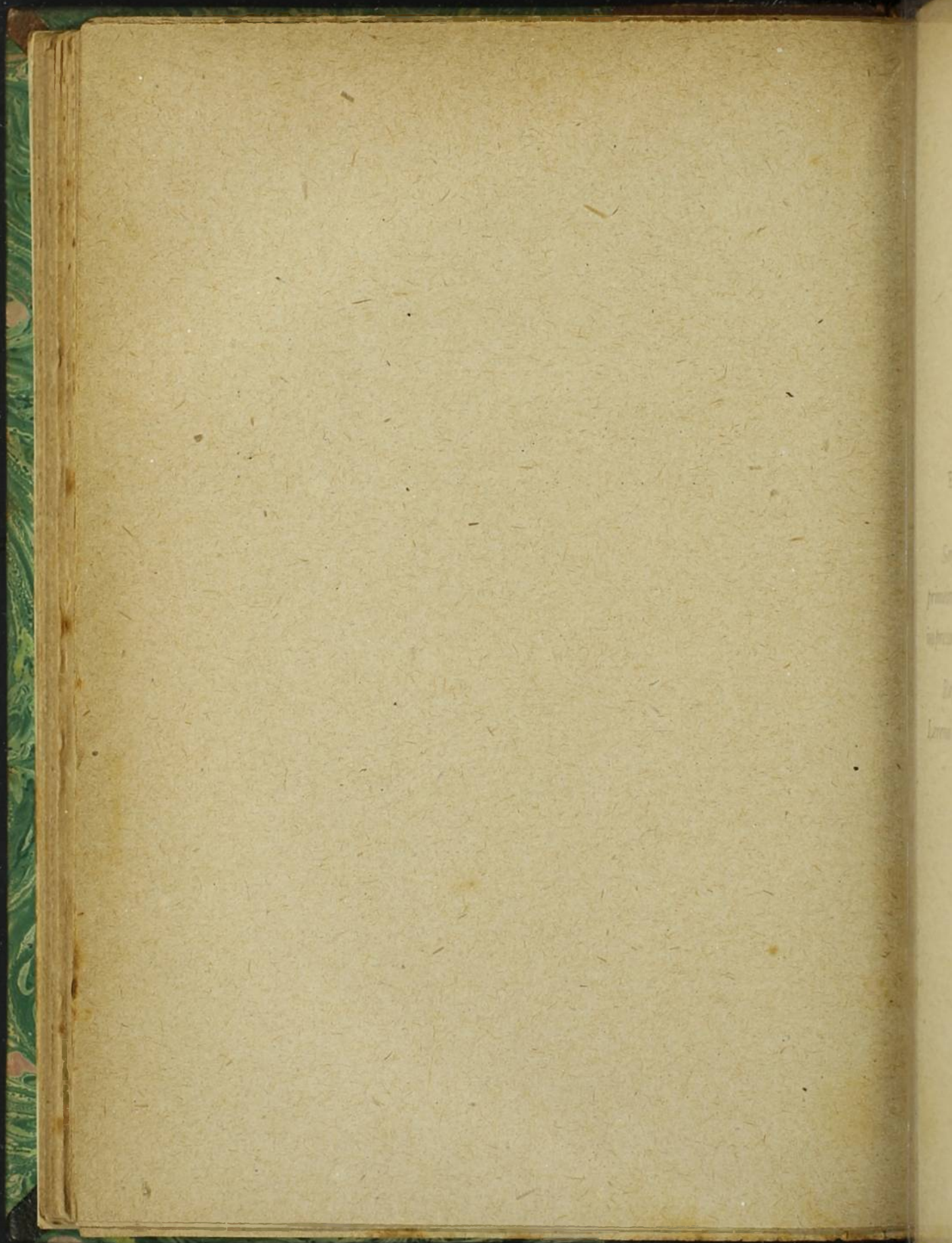
ÍNDICE

DAS CANTIGAS DÊSTE PRIMEIRO VOLUME

Ao nome da Senhora Condessa de Pombeiro	1
Moda de Tirce	3
Teu Juramento	5
Bem fica	7
Recado	8
A dôr do meu coração	10
Quem dá o que tem	12
A doce União de Amor	13
Vou morrendo devagar	16
Minuete	18
Nada de dúvidas	19
À madrugada	20
Perdi a alegria	22
A uns lindos olhos	24
Ao som da lira a chorar	25
Serei triste até morrer	28
Zabumba	31
O nome de teu Pastor	37
Por êste preço quem não será cativo	38
Soldado de mor	40
Amor não é brinco	42
Marcha depois da vinda do Rousillon	44
Suspiros do coração	47
Inda sou teu	50
Primavera	53
Quando os mortais quer render	56

Amor sabido vai gualdido	58
Raivas postosas	59
Ao meu pensamento	61
Cada vez querer-te eu mais	62
Puros votos eu jurei	64
Viver só para te amar	66
Inda sou teu	68
Doença e melhora de Marília	70
Bateu as Azas e voou	72
E que culpa tenho eu	75
Um terno Amador	76
Crime gostoso	78
Juramento de um e outro	81
Tropa de Amor: moda em uma solfa de Player ...	82
Anai sem interêsse	85
Já mal posso respirar	88
Cumprimento do voto	90
Diga o mundo o que quiser	91
Coração não gastes dela, que ela não gosta de ti ..	93
O meu livre coração	95
A illustre Amira	96
A Arinania	98
Lereno melancólico	101
Não se resiste a Amor	104
Clamor de Lereno	106
Alerta que Amor faz Guerra	108
Partida: tradução e glosa da partenza de Metastasio	110
Sôbre as azas dos amores	112
Ais	116
A Tirqueia	118
A minha amante paixão	121
Nada de saudades	123
E então	125

Apanhe para seu ensino	127
Choro a minha desventura	129
Queixas a Amor	131
Aonde está o meu bem	133
Bemfica	135
Aos anos da linda Marcia	138
Assim como fai fai	141
Não se morre de saudade	143
Não tem mais que perguntar	145
Triste Lereno	146
Toca a recolher para a Cidade, Bando de Amor!...	149
Não há remédio senão morrer	152
Amor que pode me quiz valer	155
A. B. C. de Amor	159
Ter amor não é defeito	163
Declarações de Lereno	164
Moda das Caldas	165
Amor generoso	167
Outras à mesma solfa	169
Guerra de Amor	170
Não o saiba ninguém mais	173
Retrato da minha linda Pastora	174
Adeuses a Lívia	177



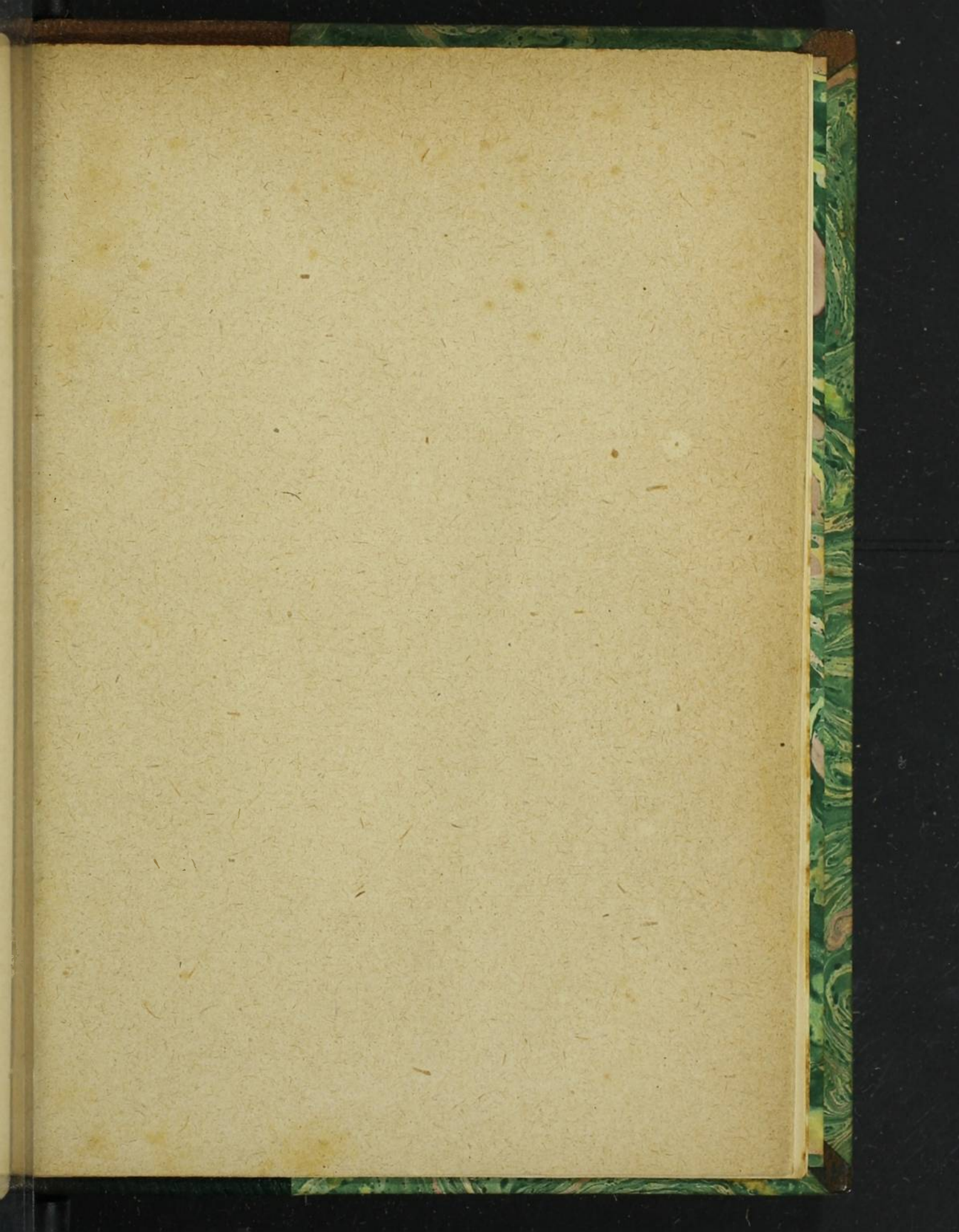
EXPLICAÇÃO DA PRESENTE EDIÇÃO

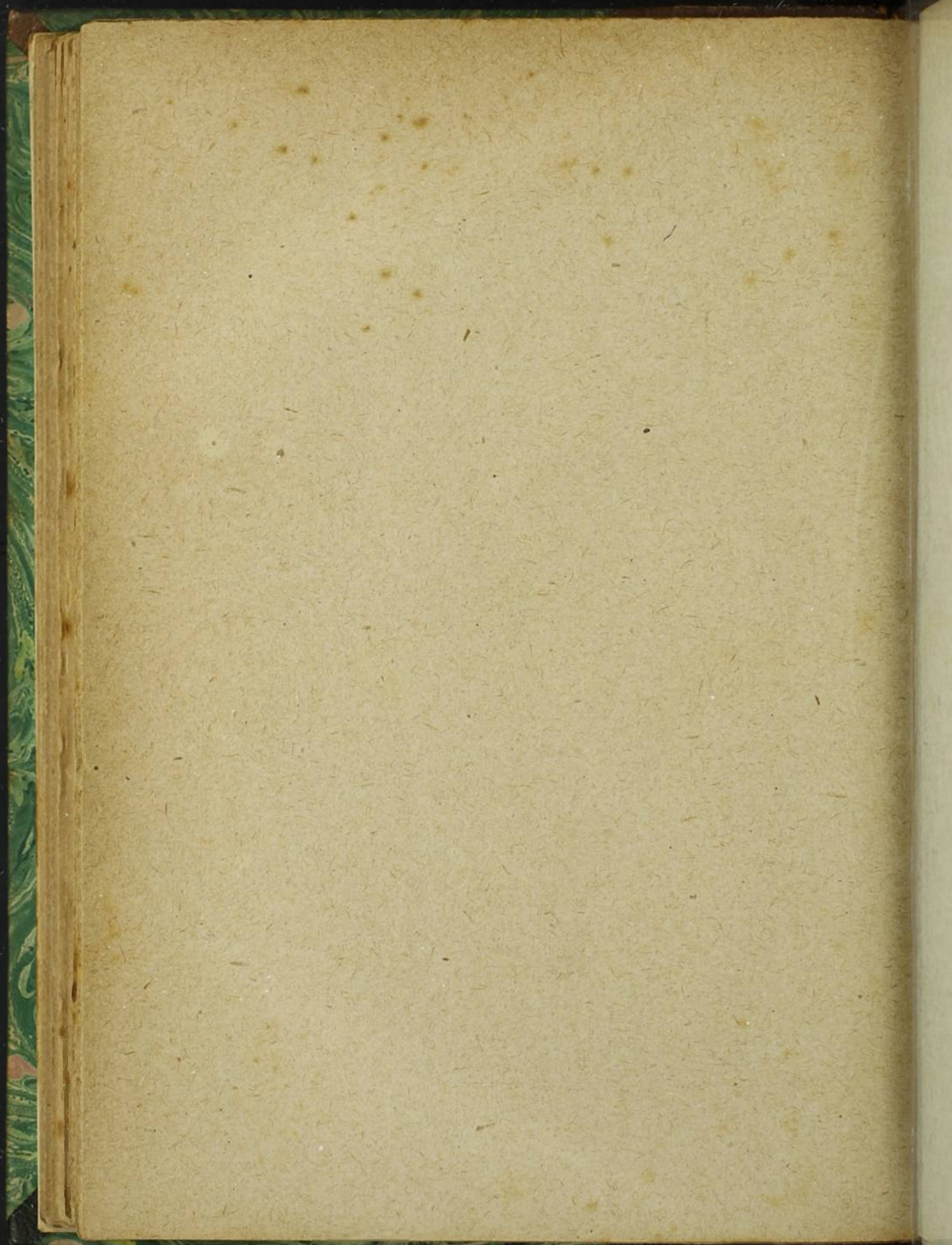
Seruiu de base ao texto aqui publicado, o da primeira edição do volume I da Viola de Lerenò, impresso em 1796 na Oficina Nunesiana de Lisboa.

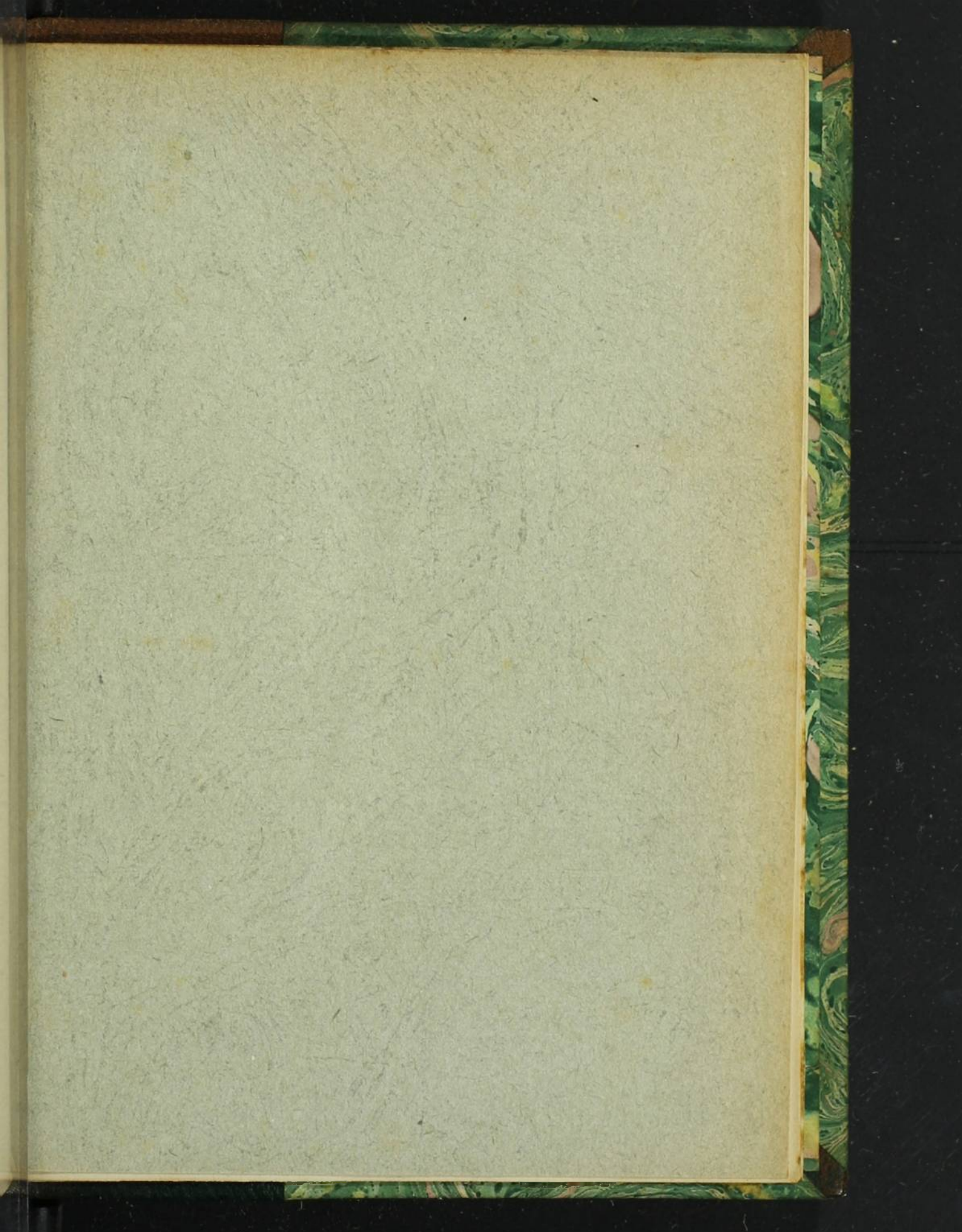
Reproduz-se no presente volume o retrato de Lerenò que vem na referida edição

1944

IMPRESA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL







BIBLIOTECA
POPULAR
BRASILEIRA

XIV

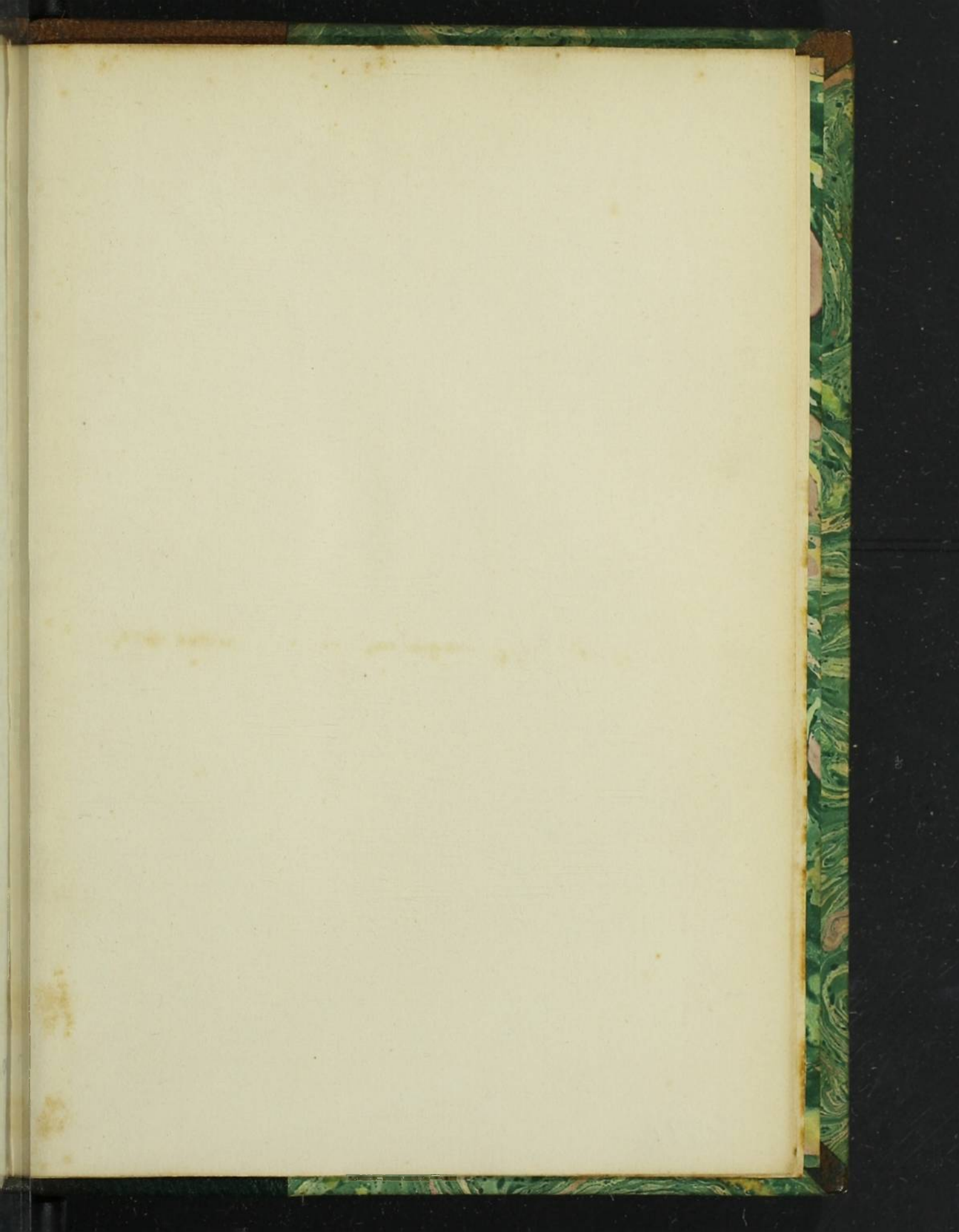
VOLUME
DE
LEBRERIAS



IMPRESA NACIONAL

1º VOLUME

Preço: Cr\$ 4,00 194



17596

